

Guia de Festas da Península de Setúbal
Festivities guide of Setúbal Peninsula

Ana Carolina Pereira Martins Macedo

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Práticas Culturais para
Municípios**

Setembro de 2017

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Práticas Culturais para Municípios realizado sob a orientação científica do Professor Doutor António Camões Gouveia.

Dedicatória pessoal

A todas as pessoas especiais que me rodeiam.

AGRADECIMENTOS

Uma vez terminado o trabalho de projecto, cumpre-se o sentido da palavra de agradecimento, a todos aqueles que ofereceram o seu saber, disponibilidade e inestimável colaboração, sem os quais não seria possível alcançar os objectivos a que me propus.

A primeira palavra é dirigida ao meu orientador, o Professor Doutor António Camões Gouveia, pelo profissionalismo e exigência que sempre incutiu, estimulando-me a superar desafios, que se fortaleceram e serão uma preciosa ajuda para encarar o meu futuro com mais confiança.

Por fim, uma palavra para os meus familiares e amigos, que sempre me incentivaram, apoiaram e compreenderam ao longo da elaboração deste trabalho.

Guia de Festas da Península de Setúbal

Festivities guide of Setúbal Peninsula

Ana Carolina Pereira Martins Macedo

Resumo

O tema central deste trabalho de projecto são as Festas na Península de Setúbal, que é composta por nove regiões, tendo sido escolhidas para estudar as suas principais festas. Este trabalho centra-se sobretudo em analisar as características das festividades, de forma a posteriormente divulgar essa informação a turistas ou interessados.

Um dos objectivos principais foi a construção de um roteiro online, onde é possível consultar alguma informação, assim como, onde e quando se realizam as celebrações. Desta forma, é possível constatar a importância das festas para o desenvolvimento do local onde se inserem, como para o turismo, possibilitando aos turistas uma maior facilidade em consultar informação e despertar o interesse de uma visita às regiões da Península de Setúbal.

PALAVRAS-CHAVE: Festas, Península de Setúbal, Roteiro Online.

Abstract

The main theme of this work is the Festivities in the Peninsula of Setúbal, which is formed by nine regions that had been chosen to study their major festivities. This work focuses mainly on the festivities characteristics analysis, in order to subsequently allow tourists and other users to access this information.

One of the main objectives was the construction of an Online Guide, where it is possible to check some information, as well as where and when the celebrations take place. Thus, it is possible to verify the relevance of the festivities on local development. It is also important to provide an easy access of information for tourists, in order to increase their interest in visiting the Peninsula of Setúbal regions.

KEYWORDS: Festivities, Peninsula de Setúbal, Online Guide.

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I – Contextualização | 3 |
| 1. Conceitos | 3 |
| 1.1 A Festa..... | 3 |
| 1.2. Metodologias: Observação Participante | 10 |
| 1.3. Devoção | 11 |
| 1.4. Actuality | 14 |
| 1.5. Importância Turística..... | 14 |
| Capítulo II – Festas na Península de Setúbal..... | 15 |
| 1. Alcochete | 15 |
| 1.1.Festa do Barrete Verde e das Salinas | 15 |
| 1.2.Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete..... | 16 |
| 2. Almada..... | 20 |
| 2.1. Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso | 20 |
| 2.2. Festa e Romaria em Honra de S. João da Ramalha..... | 21 |
| 3. Barreiro | 21 |
| 3.1. Festa a Nossa Senhora do Rosário | 21 |
| 4. Moita..... | 23 |
| 4.1. Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem | 23 |
| 4.2. Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos de Alhos Vedros..... | 25 |
| 5. Montijo..... | 26 |
| 5.1. Festa de Nossa Senhora da Atalaia | 26 |
| 5.2. Festa de Nossa Senhora da Oliveira..... | 28 |
| 5.3. Festa em Honra de S. Pedro | 29 |
| 5.4. Festa do Senhor Jesus dos Aflitos | 32 |
| 6. Palmela..... | 33 |
| 6.1. Festa da Escudeira..... | 33 |
| 6.2. Festa das Vindimas..... | 34 |
| 7. Seixal | 36 |
| 7.1. Festa de Nossa Senhora da Anunciada do Monte Sião | 36 |
| 7.2. Festa de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela | 37 |
| 7.3. Festas em Honra de S. Pedro..... | 38 |

| | |
|---|-------------------------------------|
| 8. Sesimbra..... | 39 |
| 8.1. Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas..... | 39 |
| 8.2. Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo | 41 |
| 9. Setúbal | 43 |
| 9.1. Festa em Honra de Nossa Senhora da Arrábida..... | 43 |
| 9.2. Festa do Senhor Jesus do Bonfim | 45 |
| 9.3. Festa de S. Luís da Serra | 45 |
| Capítulo III - Elaboração do guia online | 47 |
| 1. Síntese de Conteúdos..... | Erro! Marcador não definido. |
| 2. Roteiro Online | 48 |
| Conclusão | 50 |
| Bibliografia..... | 51 |
| Anexos..... | 53 |
| Anexo I – Síntese das Festa na Península de Setúbal | 53 |
| Anexo II - Listagem das festas na Península de Setúbal por Culto | 66 |
| Anexo IV - Listagem das festas na Península de Setúbal por Região | 71 |
| Anexo V – Datação das festas na Península de Setúbal | 75 |
| Anexo VI – Roteiro Online..... | 81 |
| Anexo VII – Calendário de festas na Península de Setúbal..... | 84 |

Introdução

Este trabalho de projecto visa concluir a componente não lectiva do mestrado em Práticas Culturais para Municípios, ministrado pelo Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

A escolha do tema - Guia de Festas na Península de Setúbal – acontece por existir pouca informação sobre as celebrações festivas, de a querer reunir especificamente por zona, com a qual existe um laço afectivo, o que ajudou inevitavelmente à selecção dos locais a investigar, através de um roteiro online. Em relação à escolha do território a analisar, a Península de Setúbal é uma sub-região estatística portuguesa, fazendo parte da Região de Lisboa e abrangendo a parte norte do Distrito de Setúbal. A Península de Setúbal compreende nove concelhos: Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal.

Relativamente à estrutura do trabalho, divide-se em três capítulos:

O primeiro capítulo apresenta um carácter introdutório ao tema principal do trabalho, onde são analisados conceitos ligados às festas, que permitem compreender melhor o seu conteúdo e as suas vertentes. A definição de festa torna-se assim, a mais importante a considerar, passando pelas várias maneiras de ver a festa, factores positivos e negativos, impactos causados na região onde se insere, assim como a reacção de quem participa na celebração festiva, no que respeita à organização, ou a população que apenas assiste assiduamente, ano após ano, à “sua” festa. Seguem-se outras definições importantes, como a definição de romaria, que é uma festa de carácter religioso, prestando homenagem a um santo, representado normalmente por uma imagem. Esta peregrinação popular está intrinsecamente ligada ao sagrado, tendo sempre como espaço um santuário fora do espaço habitado. Outra definição importante para a realização deste trabalho é o círio. Os círios apresentam-se como grupos de devotos, organizados em Irmandades ou Confrarias. A definição de arraial também contribui para uma melhor abordagem à festa popular, sendo a sua concretização e o seu símbolo privilegiado. Um conceito que tem grande tradição na Península de Setúbal é a festa brava, transmitida através das corridas e largadas de touros que acontecem em festas e feiras. Ainda no primeiro capítulo, refere-se a feira como uma importante instituição associada às festas religiosas. Os mercados, contrariamente às feiras, acontecem com mais frequência, juntando vários ramos de comércio, com o objectivo

da obtenção de lucro. A festa é avaliada pela população participante, composta por diferentes gerações que a observam de maneira diferente. Neste capítulo também se pretende analisar a devoção, direccionada a um santo, num determinado lugar, que caracteriza a própria festa. Contudo, não deixa de ser importante refazer uma análise das celebrações festivas na actualidade em que vivemos. É neste capítulo que se menciona a actualidade das festas, assim como a importância que apresentam a nível turístico, e qual o seu papel no desenvolvimento da região onde se inserem.

O segundo capítulo refere-se à descrição de algumas das festas na Península de Setúbal. Apesar da diversidade de festas existentes em cada uma das nove regiões da Península de Setúbal, foram abordadas as que parecem ser as mais importantes, isto é, as mais relevantes para cada região onde se inserem. Para cada festa foi analisada informação sobre as suas celebrações, história, datas, entre outros factores importantes.

O terceiro capítulo especifica o modo como o roteiro online foi construído, a sua estrutura, os seus conteúdos, e de que forma as festas se podem tornar benéficas às Câmaras Municipais, e ao público interessado na região da Península de Setúbal.

Com este trabalho pretende-se, sobretudo, divulgar e dar a conhecer as festividades que acontecem na Península de Setúbal, agrupá-las e organizá-las, para posteriormente ceder essa informação, para que possa ser facultada a pessoas com interesse em saber mais sobre o assunto, mas sobretudo ceder a turistas. Sendo um guia de festas, este trabalho visa facultar informações úteis e necessárias ao turista que tenha interesse em visitar a região no decorrer das festas.

O roteiro online tende a apresentar a mesma finalidade, podendo ser consultado mais facilmente, através da Internet e em qualquer lugar. Desta forma a Internet torna-se uma boa ferramenta de divulgação e exposição de informação.

Actualmente, podemos assistir a um grande desenvolvimento no sector turístico. Este trabalho tende a evidenciar a sua importância, o impacto das festas no turismo, a forma como se enriquecem, tanto a própria festa como o local onde se inserem. Um turista, ao programar previamente a sua viagem, pode contar com a participação em celebrações festivas da região, de modo a conhecer mais sobre o local onde vai, apreciando, sobretudo, a sua cultura.

Capítulo I – Contextualização

1. Conceitos

1.1 A Festa

Para a realização deste trabalho foi necessário definir diversos conceitos imprescindíveis para uma melhor compreensão e contextualização do tema em questão, sendo isso que se trata, neste primeiro capítulo.

Em Portugal é no começo da Primavera, na Páscoa, que se entra num ritmo de festa, que abranda durante o Inverno. As celebrações nas aldeias tomam lugar, geralmente numa igreja ou na praça que a rodeia, numa rua, numa ermida rural, ou noutros locais característicos. Aquando da festa municipal ou do “concelho”, a multidão ocupa a rua durante as celebrações festivas: em cerimónias religiosas, em espectáculos, em desfiles programados, ocasionando consideráveis deslocamentos demográficos.¹

As festas constituem parte bem significativa de uma herança cultural, e pressupõem uma transformação social – as festas são exaltadas, idealizadas e embelezadas. No entanto, também podem ser encaradas com um olhar frio e “realista”; com desprezo – decepcionam, “são uma chatice”.² A festa é um fenómeno social que se caracteriza pela nostalgia e esperança de uns e pela decepção e desprezo de outros.

Durante o estudo desta temática foram referidos modelos de festa diferentes, diferentes “visões” sobre a festa. Um dos modelos é o durkheimiano, de Émile Durkheim, que aborda o abalo social (sempre criador de coesão) provocado na festa pela irrupção daquilo que designa o “sagrado” – a festa constitui uma descolagem utópica.³

Segundo R. Caillois, ligado à teoria durkheimiana, “a festa define-se pela efervescência, a explosão intermitente, o frenesim exaltante, o sopro poderoso de efervescência comum, a concentração da sociedade, a febre dos instantes culminantes. Finalmente, o excesso faz mais que acompanhá-la de maneira constante. Não é um simples epifenómeno de agitação que ela desenvolve. Ele é necessário ao sucesso das cerimónias celebradas, participa na sua santa virtude e contribui como ela para renovar a

¹ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.15.

² Idem, p.16.

³ Idem, p.30.

natureza e a sociedade. Este desregramento opõe-se à ordem, à forma e à proibição, não é uma simples descarga psicológica”.⁴

Para Durkheim este desregramento característico da festa tem uma função libertadora e recreativa – “revigora as energias sociais hipostasiando a sociedade no sagrado”; descobre o real num estado de indiferenciação e de caos, o que o faz renascer: “a festa é o caos reencontrado e novamente ordenado”. O tempo é elemento fundamental da natureza da festa. A relação entre o tempo e o mito foi teorizada por Mircea Eliade.⁵

A celebração festiva tem um significado fundamental – a regeneração da ordem com o emergir do caos, dominado. Constrói-se um quadro de “sacrilégio ritual”, proveniente do sagrado – a festa estabelece o sagrado de transgressão. Esta relação (transgressão e sagrado) representa o significado essencial da festa.⁶

Durkheim institui o sagrado como garantia da existência do grupo social.⁷ Assim, o caos e a transgressão são parte constituinte do sagrado. Além da ruptura, confusão, violência e excesso que caracterizam o fenómeno festa, instaura-se o caos, programado e comandado pela regra. A ordem explica e polariza a desordem, a ruptura assegura a continuidade.

G. Bataille vê na festa uma “solução” para a impossibilidade (do ser humano) escapar aos limites das coisas.⁸ A festa está associada à libertação, que implica violência, o consumo sem lucro, a perda de si e das coisas; é um encontro com um mundo sem estrutura e sem código; destrói-se e renasce das cinzas.⁹

J. Duvignaud não fala de sagrado, e a transgressão a que se refere é a da cultura, que classifica como um “edifício de protecção terrível e frágil (...)”, contra as instâncias naturais da natureza – o trabalho, a morte e a sexualidade, que põem em perigo a existência colectiva. ¹⁰A festa “é sem dúvida a única provocação das sociedades no sentido da mudança e da contestação”. Pode-se definir a sociedade como “o conjunto

⁴ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.31.

⁵ Idem, p.32.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Idem, p.33.

⁹ Idem, p.34.

¹⁰ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.34.

das relações sociais. Mas, mais fundamentalmente, é um ser de natureza (ou de anti-natureza); só existe porque organiza a sua relação com um englobante que (...) a domina, cerca e, penetra (...).¹¹

Assim, a festa no horizonte da sociedade retrata uma comunicação com o englobante que a precede, a sustém e a penetra – “condição humana”, “natureza”, “profundidade”, “sagrado” – ao mesmo tempo que se traduz por um acontecimento colectivo “violento”, gesto e rito, que faz entrar a sociedade numa relação consigo própria diferente daquela de “todos os dias”.¹² A festa possui uma determinada “natureza”, que arrasta a vida social para um pólo particular; pressupõe a realização de um programa; é um sonho vivido cujos fantasmas são gestos (...); é uma configuração não real da vida social”.¹³

1.1.1. A Romaria

Entre as festas a romaria é característica de uma sociedade essencialmente rural, estruturalmente marcada pela presença e dominação do sagrado.¹⁴ Contudo, também é vivida como festa, como acontecimento total, que interrompe o quotidiano, irrupção de um “outro” universo.

As romarias portuguesas são, em alguns casos, urbanas mas, maioritariamente são de origem rural – quer tenham por sede uma ermida quer constituam (...) pelo menos a (s) festa (s) principal de uma aldeia.¹⁵ Mesmo tendo lugar numa capital de concelho remetem ao exterior do aglomerado ou à orla marítima.¹⁶ As romarias também podem ter origem citadina (sendo estas mais raras), tendo lugar numa capital de concelho ou de distrito.

A característica essencial da romaria é o facto de ser organizada em torno da “memória de um santo ou Virgem Maria” que é geralmente representado por uma relíquia ou uma imagem.¹⁷ A romaria, até ao lugar alto, implica subir os degraus, sacrificando o corpo mas também purificando-o, sendo uma forma de devoção ao

¹¹ Idem, p.35.

¹² Idem, p.36.

¹³ Idem, p.139.

¹⁴ Idem, p.140.

¹⁵ Idem, p.39.

¹⁶ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.17.

¹⁷ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.39.

santo.¹⁸ Como tal, a romaria é uma peregrinação popular a um local que se tornou sagrado pela especial presença de uma figura santificada, um “santo”. Assim, algumas romarias tornaram-se “festas do concelho” – a natureza e a dimensão deste acontecimento fogem à escala e ao modelo da romaria.¹⁹

É possível distinguir dois tipos principais de romaria. Uma está totalmente ligada a uma aldeia e estabelece um motivo de acolhimento de vizinhos pela comunidade aldeã, quando visitada por outros. A outra estabelece-se como centro de uma região mais extensa – embora geograficamente localizada numa freguesia. Contudo, a romaria também pode ser regional, sendo a festa de todos, que apelidam de “nosso” ao santo padroeiro a quem a festa é consagrada. Trata-se de dois tipos ideais – todas as formas mistas de romaria são possíveis.²⁰ Romaria estabelece um agrupamento, um encontro e um momento de vida em comum. Estes “reencontros” ocasionam toda a espécie de trocas culturais e comerciais.

A romaria realiza-se em lugares concretos e precisos, marcados por uma presença significativa de continuidade e permanência, providos de história. Esta festa acontece fora de um espaço social habitual, estabelece-se em “outro” lugar, utopicamente – “transporta a vida – e vai revivê-la”. Os aldeãos partem em busca de uma presença impalpável, numa ocasião diferente dos dias comuns. Mas, a romaria também ocorre no espaço habitual, que pode ser uma rua principal, praça, passeio, que se transfigura por um dia. Neste caso, são as multidões rurais que se deslocam dos campos para a densidade, nobreza e variedade da cidade.²¹

Segundo J. Duvignaud, a festa “apodera-se de qualquer espaço”, tudo serve para este encontro dos homens fora das condições habituais – ruas, pátios, praças. Contudo, em relação às festas de romaria, organizam-se em redor do sagrado, apoderam-se de locais normalmente situados no exterior do espaço habitado, transformando-os.²²

O espaço da romaria é, não só, marcado pela presença de ornamentação, como de construções estáveis (como edifícios da confraria, sala de oferendas, residência do

¹⁸ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.17.

¹⁹ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.39.

²⁰ Idem, p.40.

²¹ Idem, p.141.

²² SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.142.

sacristão, posto da polícia, quiosques de música...) e do “acampamento ordenado” composto pelas tendas e balcões que compõem as barracas existentes na feira. Algumas feiras e mercados tiveram origem nas romarias. A grande aglomeração de população assim o exigia, tendo como objectivo obter lucro. Algumas romarias possuem as feiras mais importantes e mais antigas da região.²³

1.1.2. Os Círios

Dentro das festas de romagem, apresentava-se o círio, composto por grupos de romeiros ou devotos, organizados numa Irmandade ou Confraria para a devoção à sua santa ou santo ou Virgem Maria. Aquando da romaria, a pé, transportavam a vela ou a tocha, o círio, para colocar no altar do santuário do oráculo da sua devoção e procediam-se as celebrações religiosas e de carácter lúdico. Os círios, Confrarias ou Irmandades eram compostos por devotos tanto da mesma freguesia, sem possuírem a mesma actividade profissional, como devotos de um mesmo grupo profissional que residem num mesmo bairro ou vila, como pescadores e marítimos.²⁴

Cada círio tem uma organização própria. Porém, os círios possuem alguns aspectos comuns. A figura mais importante é o juiz, com mandato de um ano. Os fundos para a realização dos círios provêm fundamentalmente da arrematação das bandeiras e símbolos da festa. O círio mais antigo na região da Península de Setúbal é o da Nossa Senhora do Cabo, de 1430.²⁵

1.1.3. O Arraial

A concretização e símbolo privilegiado da festa popular, mais propriamente da festa de romaria, designa-se por arraial. “É o prado, o campo plantado de árvores, o entroncamento de caminhos, a avenida ou a praça que a festa anexou” (...) – é o ajuntamento e densidade social que se forma nesse espaço; são as actividades que aí se realizam.²⁶ “O arraial é igualmente (e também) a romaria, do mesmo modo que a procissão, a visita ao santuário ou o cumprimento das promessas”.²⁷

²³ Idem, p.145.

²⁴DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.27.

²⁵ Ibidem.

²⁶SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.142.

²⁷ Idem, p.143.

O espaço onde ocorre o arraial torna-se um local de intensa socialização, de liberdade em relação às regras, de ausência de trabalho. A preparação festiva do território do arraial é concebida em conjunto pelas famílias locais. Porém, hoje em dia, esta preparação é feita, muitas vezes, por instituições, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais ou delegadas a empresas especializadas.²⁸

1.1.4. A Festa Brava

O espectáculo que tem maior tradição na Península de Setúbal é a festa brava, em que o touro é o protagonista do acontecimento. O touro é o centro da festa (em largadas, esperas ou corridas de praças) associada à parte lúdica de festividade religiosa ou comercial. Este espectáculo tem origens populares (relacionadas com a largada) e origens em rituais de cavalaria da nobreza (associadas à corrida de touros na praça). A festa brava assume diversas modalidades, mas as mais populares são a Espera, a Largada e a Corrida de Touros.²⁹

A temporada tauromáquica vai da Páscoa aos Santos (1 de Novembro). Neste período, na região da Península de Setúbal é possível encontrar, essencialmente, corridas de touros e largadas. As corridas de touros ocorrem, normalmente, na abertura da temporada, na Páscoa. Mas, é fundamentalmente durante as festas e feiras que se realizam corridas de touros e largadas. Em Setúbal acontecem durante a Feira de Santiago; na Moita durante a Feira de Maio há uma corrida de touros e largadas, nas Festas da Nossa Senhora da Boa Viagem realiza-se a maior Feira Taurina do país, bem como largadas de touros; no Montijo durante as Festas de S. Pedro, corridas de touros e largadas; em Alcochete durante as Festas do Barrete Verde e das Salinas realizam-se corridas de touros e largadas; no Barreiro há corridas de touros durante a BARRIND; no Rosário durante as Festas de Nossa Senhora do Rosário há largadas de touros na praia; em Canha durante as Festas de Nossa Senhora da Oliveira há largadas de touros; e em Palmela durante a Festa das Vindimas há largadas de touros e nas Festas da Escudeira há uma vacada.³⁰

²⁸ Ibidem.

²⁹ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.117.

³⁰ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.129.

1.1.5. Feiras

A necessidade da troca de produtos entre o homem do campo e da cidade, e entre diferentes regiões deu origem às feiras. São uma das instituições mais importantes provenientes da Idade Média. A sua expansão está profundamente ligada às festividades religiosas, como as romarias e peregrinações, por serem um momento de aglomeração de pessoas em dias de tréguas.³¹

Nas datas referentes à Páscoa, ao corpo de Deus, à natividade da Virgem, aos dias de S. João, S. Pedro, S. Miguel, realizavam-se as maiores feiras.

Hoje, na região da Península de Setúbal realizam-se feiras em praticamente todos os concelhos, associadas a festividades religiosas, a feiras de artesanato, de produtos industriais e agrícolas de cada concelho, e de animais, como o cavalo, ou bovinos e suínos. Em Alcochete realiza-se a Feira do Cavalo, no Barreiro a BARRIND, na Moita a Feira de Maio e da Vaca Frísia, no Montijo a Feira Nacional do Porco e da Salsicharia, em Palmela (na Quinta do Anjo) a Feira do Queijo, Pão e Vinho, e em Setúbal a Feira de Santiago.

1.1.6. Mercados

Nas romarias, o grande ajuntamento de população exigia a existência de um mercado potencial, onde estavam representados todos os ramos do comércio. Tornou-se uma atracção para os mercadores, levados pelo desejo de obtenção de lucro.³²

Os mercados diferenciam-se das feiras pela sua periodicidade. Enquanto as feiras se realizam anualmente, os mercados são diários, semanais ou mensais. Normalmente realizam-se intercaladamente nas localidades de uma mesma área geográfica em dias da semana determinados ao longo de cada mês.³³

É difícil determinar a origem de muitos dos mercados que nos nossos dias continuam a ter papel determinante no abastecimento das localidades da região da península de Setúbal, apesar da expansão e diversificação das formas de comércio. Os mercados são um mundo a descobrir, porque aí podemos encontrar um pouco de tudo,

³¹DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.143.

³²SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.149.

³³DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.153.

desde as cebolas, alfaces, batatas, “directamente do produtor”, ao calçado, à música, à cerâmica tradicional com que podemos decorar a casa.³⁴

Na Península de Setúbal podemos determinar um conjunto de mercados mensais que, durante os Domingos de cada mês, vão circulando pelas vilas de Azeitão, Coina, Pinhal Novo e Moita.³⁵

1.2. Metodologias: Observação Participante

Existem diferentes maneiras de observar a festa. A geração mais jovem, que abandonou a aldeia para ir estudar para a cidade ou para trabalhar, emigrando para outro país, vê na festa “uma ocasião de encontro mais livre entre raparigas e rapazes (sobretudo de aldeias diferentes)” e de experiências mais completas. Os mais velhos possuem uma visão “religiosa” da celebração festiva. Vêm os “excessos” cometidos na festa como sendo anormais na situação em questão, mesmo não sendo absolutamente condenáveis. Os “excessos”, que fazem parte do fenómeno festivo, podem-se definir como “libertação anárquica e violenta dos gestos, danças desenfreadas ou, pelo contrário, lânguidas, bebida, aventuras sentimentais ou transgressões sexuais”.³⁶

A concepção sobre a romaria tradicional não é unânime. Por um lado consta a penitência, de pessoas com mais idade, e por outro, a exuberância festiva, dos mais jovens.

Antes da grande ofensiva eclesiástica do segundo quartel do século, é possível formar uma noção do que era a festa, como sendo uma experiência complexa “onde a dor e prazer, o excesso sensual e o êxtase místico, os encantamentos artificiais do olhar e a fusão do meio natural, a privação do jejum e a sociedade comungante e lúdica, o isolamento do silêncio devoto e o ardor da procura erótica, enfim, a comunhão do sereno encontro e a ostentação quase ritual da agressividade, congregarem-se indissolúvelmente para comporem uma homenagem em honra do santo”.³⁷

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem.

³⁶ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.159.

³⁷ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.160.

1.3. Devoção

No decorrer das romarias, os peregrinos alegremente retomam contacto com um lugar, conectado a uma presença do além. O “santo” representa historicamente o sagrado, é o objecto principal de devoção para os peregrinos. Pode ser representado por uma imagem de Cristo, da Virgem ou de um personagem canonizado – este vocábulo é frequentemente empregue sob forma de diminutivo, com afectividade e entoação de verdadeira ternura (“Santinho”, “Nosso Santinho”).³⁸

A imagem é geralmente uma estátua, que além de ser objecto de devoção, tem a função de curar e de proteger a aldeia. Analisando a atitude dos devotos para com as estátuas - é a que se teria para com uma pessoa viva – “fala-se-lhes, toca-se-lhes, fixam-se com uma insistência de quem espera resposta, levam-se junto dela objectos familiares ou crianças”.³⁹

Contudo, a imagem também adquire outra dimensão dinâmica – a estátua é venerada de forma particular, levada aos ombros, animada pelo ritmo da marcha, percorre os caminhos da vida quotidiana; “a imagem alcança a plenitude da sua presença funcional. Comunica e faz comunicar”. O santo renova e intensifica o contacto.⁴⁰

Acima da multidão dos seus fiéis, a estátua do santo é levada em procissão sobre um andor que a sustém, “dança”, num espectáculo em marcha ao ritmo da música da banda ou de cânticos. Sendo assim, é importante colocar a seguinte questão: Quem é o “santo”? Para os peregrinos trata-se de “alguém que pisou os caminhos dos homens, conheceu a sua experiência e viveu os seus sentimentos (...) é investido de um poder que lhe permite dominar o cosmo, a existência social, a vida. Além disso, manifestou várias vezes a vontade de ser de um lugar e de uma comunidade particular, graças às circunstâncias que rodearam a aparição da sua imagem”.⁴¹

Assim, as romarias são consagradas ao culto de diferentes divindades. A invocação de Cristo refere-se ao crucificado: o Calvário e a Cruz, o “Bom Jesus”

³⁸ Idem, p.41.

³⁹ Idem, p.42.

⁴⁰ Idem, p.44.

⁴¹ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.45.

crucificado, o Senhor da Piedade, dos Aflitos ou dos Navegantes.⁴² A essência do culto cristão está em Jesus Cristo. Nas procissões é visível a religiosidade que marcou profundamente o culto cristão, focadas em comunidades piscatórias, sendo estas as mais devotas à figura de Cristo, a quem pedem ajuda aquando das dificuldades da faina marítima.

Na região da Península de Setúbal, as festas do Senhor Jesus das Chagas em Sesimbra, do Senhor Jesus do Bonfim em Setúbal e do Senhor Jesus dos Aflitos no Montijo, são exemplos do culto prestado a Jesus Cristo.⁴³

A Virgem tem títulos diferentes de invocação, agrupados em duas categorias principais – os afectivamente neutros (toponímicos, relacionados com a localização do santuário, históricos, lendários) e os que qualificam o sentimento de devoção e compõem uma carga afectiva. Estas podem-se dividir em três grupos: os que se referem a um “Mistério” de Maria, a um dos seus títulos de glória e evocam uma atitude de admiração (“Santa Maria”, “Santa Maria a Grande”, “Nossa Senhora do Mundo Inteiro” “Nossa Senhora do Rosário”, “Nossa Senhora do Carmelo”, “Nossa Senhora da Esperança”, “Nossa Senhora da Conceição”, “Nossa Senhora da Visitação”, “Nossa Senhora da Assunção”, entre outros); os que veneram um acontecimento da sua vida, prestam-se a uma especialização da devoção a uma invocação de determinada Virgem local como padroeira da situação humana fundamental (“Nossa Senhora do Leite”, “Nossa Senhora da Hora”, ou “do Livramento”, “da Natividade”, “das Dores”, “da Agonia”, “da Boa Morte”, entre outros). No último grupo, a invocação da Virgem apresenta-se como forma de protecção, tanto nas actividades profissionais, geralmente relacionadas com a pesca (“Nossa Senhora da Boa Viagem”, “do Bom Tempo”), como pelo conjunto da sua existência (“Nossa Senhora da Paz”, “do Socorro”, “das Graças”, “da Natividade”, “das Dores”, “da Agonia”, “da Boa Morte”, entre outros, “Nossa Senhora da Saúde”, “Nossa Senhora dos Remédios”).⁴⁴

Muitas das festividades são em honra de santos. Em Portugal, a devoção pelos três “Santos Populares” é geral, não apresentando sempre a forma de romaria. As festas referentes aos Santos Populares decorrem no mês de Junho por todo o país – animam as

⁴² Ibidem.

⁴³ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.81.

⁴⁴ SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.46.

ruas, bairros, vilas e cidades em manifestações onde a devoção e a folia se associam. A raiz destas festas está, muito provavelmente, nos cultos pagãos que assinalavam o solstício do Verão. Talvez a devoção mais antiga seja a do santo que baptizou Jesus, S. João, sendo também o que em território português tem maior difusão (24 de Julho – corresponde ao solstício de Verão). O solstício de Verão é, por natureza, uma época de alegria, por assinalar o início da estação das colheitas, dos bailes da vida ao ar livre e, nos dias de hoje, período do ano que mais se associa ao lazer e às férias. O culto a S. João apresenta vários rituais, como fogueiras, banhos santos e as orvalhadas. Em Portugal a tradição das fogueiras, está difundida por todo o país. Na gastronomia domina a sardinha assada e o caldo verde que, em cada casa, rua, bairro de cada vila ou cidade entusiasmam com os seus aromas todos os foliões dos santos populares. Na Península de Setúbal, as festas de S. João têm maior preponderância em Almada e em Alcochete. No caso da devoção a S. Pedro, apresenta uma particularidade – é protagonizada por um grupo profissional, neste caso marítimos e pescadores.⁴⁵

No entanto, é São Bento que aparece como centralizador de muitas peregrinações, cuja devoção está ligada à implantação monástica em Portugal, sendo o seu culto acompanhado geralmente, pelo de São Mauro e de Santa Escolástica. Todavia, existem outros santos a que se presta culto em Portugal – Nossa Senhora, São Bartolomeu, São Sebastião, Rainha Santa, São Lourenço, São Miguel, São Gonçalo, São Roque, Santa Bárbara, São Marco, Santa Lúcia, São Cristóvão, Santo António e São Francisco.⁴⁶

A devoção dedicada aos Santos, a Virgem e a Cristo caracteriza não só a festa, mas a própria religião popular, através da prática da promessa. Portanto, pode-se definir promessa como “a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia”; a promessa constitui um modo de comunicação essencial, aproximando-se do sacrifício, proporcionando a troca. Quando a segurança da existência individual, familiar ou social está em perigo, “promete-se” a um “santo”.⁴⁷

⁴⁵DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.99-101.

⁴⁶SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992, p.47.

⁴⁷ *Ibidem*.

1.4. Actualidade

Ao analisar o aspecto “festivo” da vida social portuguesa, pode-se observar que em Portugal, o Mundo da festa está vivo.⁴⁸ No entanto, o fenómeno festivo foi sofrendo profundas alterações – evolução das formas de sociabilidade, repertório musical que se renova ou desaparece, instrumentos populares que se tornam raros, costumes que se perdem e a invasão de fórmulas estereotipadas que impõem o “efeito de demonstração” da cidade até nas mais pequenas aldeias, a universalidade dos sucessos musicais, a atracção do espectáculo. Mesmo assim, nas comunidades rurais, as festas continuaram a polarizar a vida social dos seus habitantes.⁴⁹

Em conclusão, segundo Pierre Sanchis, a festa nos dias de hoje baseia-se na maximização da produção e de lucro.⁵⁰

1.5. Importância Turística

“Uma das mais importantes motivações do turismo internacional é o desejo de conhecer outros povos e o seu modo de vida bem como conhecer as civilizações do passado. Como o modo de vida de cada povo é influenciado pelas suas tradições, pela cultura e pela história, os valores artísticos e monumentais fazem parte do turismo como factor de primeira grandeza”.⁵¹

A cultura constitui um factor de incremento do turismo. Dar a conhecer a importância ou simplesmente o “acontecer” das festas que ocorrem pelo país, possibilita a hipótese de serem visitadas por quem está “de passagem”. Posto isto, as festas, seja de pequena ou grande dimensão, tornam-se motivo de atracção dos turistas que visitam Portugal, transformam-se num factor de desenvolvimento turístico local, movimentam a economia local e dinamizam as aldeias.

As componentes sagradas e profanas destas festas são fonte de grande atracção turística levando todos os anos milhares de visitantes a viver estes singulares eventos, irrepetíveis, desta forma, em qualquer outra parte do mundo.⁵²

⁴⁸ Idem, p.17.

⁴⁹ Idem, p.18.

⁵⁰ Idem, p.30.

⁵¹ CUNHA, Licínio, *Introdução ao Turismo*, Lisboa, Verbo, 2009, p, 268.

⁵² DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.15.

Capítulo II – Festas na Península de Setúbal

O capítulo que se segue é o resultado da análise da informação recolhida sobre as festas que se realizam nas localidades que fazem parte da Península de Setúbal. Sendo um dos objectivos a realização de um Guia de Festas, pretende-se abordar diversos aspectos importantes, de forma a aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre o tema. O presente capítulo analisa cada uma das festas escolhidas em cada localidade, destacando diversos pontos importantes sobre as festas: em que dia e mês se realizam, em que locais acontecem, quanto tempo duram as suas celebrações, a homenagem que prestam, um pouco sobre a sua história, as celebrações que se realizam, a descrição da imagem a que se presta culto, de que forma se angariam fundos para a realização das festividades, quem faz parte da organização, assim como os variados eventos que decorrem ao longo da duração das festas. Desta forma, o fundamento deste guia será informar quem pretenda visitar, nomeadamente os turistas que frequentem as localidades, ou apenas por mera curiosidade.

As festas seguem organizadas por localidades, por ordem alfabética. A recolha realizada, além de estudos locais e dos sítios referidos em notas, teve por base os trabalhos de Duarte, Pereira e Gonçalves (1997), o Guia das mais famosas festas e romarias de Portugal (2012) e a colectânea de Barros e Costa (2002).

1. Alcochete

1.1. Festa do Barrete Verde e das Salinas

A festa taurina de Alcochete realiza-se no segundo fim-de-semana de Agosto e tem a duração de sete dias. Tendo como protagonista o touro, designa-se como festa brava. No entanto, as festas do Barrete Verde e das Salinas, remontam às festas em Honra de Nossa Senhora da Vida. Foram instituídas em 1940, mas realizaram-se pela primeira vez no ano seguinte, em 1941, com a iniciativa de José André dos Santos, no rescaldo de um grande temporal que ocorreu nesse ano. Foram programadas para decorrerem na segunda semana de Agosto. Desde o início que foram consagradas ao forçado, aos salineiros e aos campinos. A romaria a Nossa Senhora da Vida aumentou devido a estas festas. A vila de Alcochete durante as festas, prepara-se e transforma-se, para receber os

visitantes. A vila é toda decorada, pelas ruas existem arraiais, fazendo com que a população viva a sua festa intensamente.⁵³

Durante o decorrer dos sete dias de festa, existem quatro momentos importantes: o primeiro, são os arraiais, os concertos musicais, os bailaricos, que acontecem durante todos os dias da festa; o segundo momento ocupa-se de iniciativas culturais e desportivas, com realização de torneios e exposições; o terceiro momento está ligado à Festa Brava, em que se realiza a Feira Taurina, Largadas e Esperas de touros, diurnas e nocturnas; o quarto momento tem cariz religioso, a celebração da missa e da procissão, em Honra de Nossa Senhora da Vida, no Domingo. No Sábado, quem visite a festa também pode participar na sardinhada e assistir ao desfile que percorre as ruas da vila, em homenagem ao campino, ao salineiro e ao forçado.⁵⁴

A organização da festa pertencia à Santa Casa da Misericórdia local, com o apoio da Câmara Municipal, tendo sido criado em consequência dos festejos, o Aposento do Barrete Verde, que desde 1944 promove os festejos.⁵⁵

1.2.Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete

Também designada por “Festa da Páscoa”, a Festa do Círio dos Marítimos tem início no Sábado de Aleluia, prolongando-se por mais três dias, até Terça-feira, numa sequência de momentos únicos de devoção e convívio, que anualmente reúnem centenas de pessoas, naquela que é a festa mais antiga de Alcochete.

O Círio dos Marítimos é um dos seis círios que festejam a Nossa Senhora da Atalaia no seu Santuário e na área envolvente, pela romaria anual. Segundo a lenda, que está na origem da fundação da Confraria dos Barqueiros de Alcochete, em época remota, um barco que navegava no Rio Tejo foi surpreendido por uma tempestade. Em desespero, um dos barqueiros prometeu a Nossa Senhora da Atalaia que, caso se salvasse com os companheiros, organizaria uma confraria para festejá-la anualmente. O tempo amainou

⁵³DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.130.

⁵⁴DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.130.

⁵⁵*Guia das mais famosas Festas e Romarias de Portugal - Uma Viagem Completa às nossas Tradições*, Atlântico Press, 2012, p. 241.

e conseguiram alcançar terra a salvo. Desde então, os Marítimos de Alcochete têm cumprido a promessa.⁵⁶

Pela escritura de demarcação dos termos de Aldeia Galega e de Alcochete realizada em 1539, ficamos a saber que, então, havia um Círio de Marítimos Solteiros e outro de Casados. Durante as festividades, celebrava-se a missa. No começo do século XX, o Círios dos Solteiros regressava da Atalaia no domingo à tarde, enquanto o dos Casados regressava na segunda-feira, igualmente de tarde. Algum tempo depois, os dois Círios fundiram-se, dando origem ao Círio dos Marítimos. No entanto, ainda hoje se observam vestígios nos cortejos, pois mulheres solteiras e mulheres casadas desfilam separadas.⁵⁷

O Círio dos Marítimos de Alcochete possui uma cruz do festeiro, um guião e cerca de uma centena de bandeiras. A cruz, que o festeiro guarda em casa durante o ano e com que desfila nos cortejos, é uma cruz processional, de prata, do século XIX, com uma estrutura em aço. O guião é de seda lavrada, com galão dourado. Ao centro, está representada a Senhora. As bandeiras, com aproximadamente dois metros, são feitas de cetim. No passado, eram pintadas, hoje são estampadas.⁵⁸

O Círio dos Marítimos de Alcochete não tem instalações próprias para acomodação dos romeiros, nem em Alcochete nem na Atalaia. O Círio começa por se instalar em Alcochete, no Sábado de Aleluia. A seguir, vai para a Atalaia, no Domingo de Páscoa, à tarde, acabando por regressar à vila na tarde de Segunda-feira.⁵⁹

O designado “chininá”, destinado a entreter o festeiro, é composto por um tocador de gaita-de-foles e outro de caixa. Os dois músicos vêm de barco no Sábado, sendo a sua chegada à ponte-cais assinalada com um foguete, dando início às festividades: um desfile a pé pelas ruas principais.⁶⁰

No Sábado de Aleluia, pelas dezasseis horas, o “chininá”, acompanhado por um indivíduo designado pela comissão, que transporta os foguetes, embarca na ponte-cais, no bote “Alcatejo”, e navega em frente da vila, durante perto de uma hora. De seguida, já em terra, o “chininá” toca nas principais ruas da parte antiga da vila. Pelas dezoito horas e trinta minutos, a volta está terminada e o grupo regressa à casa do Círio.

⁵⁶ Mário Balseiro Dias, *Círio dos Marítimos de Alcochete*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete, 2002, p. 19.

⁵⁷ Idem, p.20.

⁵⁸ Idem, p. 25.

⁵⁹ Idem, p.29-30.

⁶⁰ Idem, p. 32.

Ultimamente, à noite, no jantar, comparecem já centenas de pessoas, em especial arrematantes de bandeiras e seus familiares. Durante esta refeição, e como em todas as que se seguirão na festa, o “chininá” anda pelo meio das pessoas a interpretar algumas peças do seu reportório.⁶¹

No Domingo de Páscoa, em Alcochete, depois do pequeno-almoço tomado na casa do Círio, o “chininá” toca nas ruas da vila, regressando no final, novamente ao Círio. Até recentemente, por volta das onze horas e trinta minutos, o “chininá” ia chamar as moças solteiras que participariam no desfile, à tarde. Quando esta saía, a música tocava e, de vez em quando, atirava-se um foguete. Às dezoito horas e trinta minutos, o cortejo parte da casa do Círio, passa pelas principais ruas antigas da vila e termina na Escola dos Segundo e Terceiro Ciclos do Ensino Básico El-Rei D. Manuel I.

O cortejo é formado da seguinte maneira: à frente, à direita, vai, a cavalo, o festeiro, que leva, na mão, a cruz da festa; à esquerda, ao lado do festeiro, segue o juiz, a cavalo igualmente; a seguir, montada no primeiro burro, caminha a juíza do ano corrente; depois, a do ano seguinte; segue-se o grupo das mulheres solteiras e, atrás, as casadas, montadas de lado, também em jumentos; a penúltima mulher do desfile é a festeira do próximo ano e, a última, a do ano corrente. Os asnos levam um lençol branco, bordado, por cima da albarda. Os pais, namorados, maridos ou outros, conduzem os animais pela arreata. Uma carreta, puxada por duas vacas mirandesas, enfeitada com ramos de palmeira e coberta com um lençol branco, fecha o cortejo.⁶² E o “chininá”, numa carreta puxada por bois, com a sua música, anima o desfile, tocando sem interrupção. Chegados ao começo da estrada, deixam os cavalos e os burros e prossegue tudo de automóvel, que sempre são seis quilómetros até à Atalaia. À exceção de algumas pessoas que se deslocam a pé em cumprimento de promessa. Nesse dia o jantar é servido na chamada “casa do círio”, perto da capela. Realiza-se um baile e arraial (sem feirantes), com alguns dos participantes a regressarem a Alcochete ou a ficarem na Atalaia para o dia seguinte.⁶³

⁶¹Mário Balseiro Dias, *Círio dos Marítimos de Alcochete*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete, 2002, p. 40.

⁶² Idem, p. 43.

⁶³ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 211-213.

Na Segunda-feira de manhã decorre a tradicional “lavagem da cara” na Fonte Santa, prosseguindo o cerimonial com a entrega na capela das “bandeiras” e das fogaças votivas (espécie de pão doce, bolo típico de Alcochete), para que o pároco proceda à sua bênção. Segue-se o almoço e logo depois a missa e a procissão, que percorre as ruas ao redor da capela e retorna ao adro. No fim do cortejo religioso, tem início no adro o leilão. O guião e as “bandeiras” permanecem em casa de quem os arrematou até ao “círio” do ano seguinte, altura em que são devolvidos para novo leilão, revertendo o dinheiro para a organização dos festejos.⁶⁴

Antigamente, na Segunda-feira, durante o desfile de regresso a Alcochete, o “juiz”, montado a cavalo, trazia nas mãos “o arroz-doce”, símbolo do jantar a ser por si oferecido nesse dia. O jantar passou entretanto para Terça-feira, a cargo da comissão de festas, desta vez mais restrito, reservado, praticamente, a quem arrematou o guião, as “bandeiras” e as fogaças. Nessa tarde tem lugar o último desfile, agora a pé, com as raparigas solteiras de braço dado, cada uma delas com o rapaz que levou o burro e as casadas com os respectivos maridos. Neste desfile são apresentados ao povo o novo “festeiro” e o novo “juiz”, que terão a cargo as festividades do ano seguinte.⁶⁵

O Círio dos Marítimos para angariar fundos não recebe quotas, não realiza peditórios nem recebe subsídios. A receita é apenas o dinheiro proveniente da arrematação das bandeiras, fogaças e guião do ano anterior. Desta forma, e apenas com esta receita, consegue mais dinheiro que os outros círios em conjunto. Não era possível prever as despesas, pois não se sabia ao certo quantas pessoas vinham para comer nas casas dos círios, que durante as festividades mantinham as portas abertas, oferecendo comida aos visitantes. Assim, a principal despesa era a aquisição de bens alimentares, sendo que também faziam parte das despesas o aluguer das casas para os círios, a compra ou aluguer de burros para o desfile e os músicos.⁶⁶

A primeira Comissão surge em 1960 assumindo a organização nos anos que se seguiram. O lucro da festa não era tornado público, respeitando apenas aos marítimos. A comissão que actualmente dirige o círio utiliza a receita sobranete para melhorar as festas

⁶⁴BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 212-213.

⁶⁵ Idem, p. 213.

⁶⁶Mário Balseiro Dias, *Círio dos Marítimos de Alcochete*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete, 2002, p. 37.

dos anos seguintes.⁶⁷ Na organização dos festejos, os marítimos contavam com ajuda dos seus familiares e de famílias alcocheteanas. Nos dias da Festa da Páscoa, são contratadas pessoas para trabalhar na cozinha, as louças são alugadas, os voluntários servem às mesas. Ao contrário das outras comissões, deixou de existir repartição de tarefas, todas são realizadas em conjunto.⁶⁸

2. Almada

2.1. Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Esta festa de culto mariano realiza-se no dia 1 de Novembro, em Cacilhas, e tem a duração de um dia. O culto de Nossa Senhora do Bom Sucesso tem maior relevância no distrito de Setúbal. Realiza-se desde o período pós-terramoto de 1755, em Cacilhas, no concelho de Almada. A lenda conta que devido a uma grande tempestade, as águas do rio Tejo ameaçavam a destruição da região localizada à beira-rio.⁶⁹ A capela de Cacilhas ficou completamente destruída. Para além do tremor de terra, ocorreu um maremoto, fazendo subir as águas do rio, submergindo parte da povoação. Foi um pescador da zona, que pelos escombros da capela, procurou a santa, a quem os pescadores eram devotos, a Nossa Senhora do Bom Sucesso. Ao encontrar a pequena imagem, levou-a até a tempestade junto ao rio enquanto rezava, para que esta acalmasse e toda a população se salvasse. Foi assim que a tempestade parou, voltando tudo ao normal, com a população a salvo. Após o milagre foi construído um templo dedicado a Nossa Senhora do Bom Sucesso.⁷⁰

Desde dessa época, a festa nunca deixou de existir, passando a ser realizada todos os anos, no dia 1 de Novembro, dia do terramoto de 1755. O ponto alto da festa é a procissão que percorre as ruas do centro de Cacilhas, transportando a Virgem até aos cais, para que abençoe o rio Tejo. Anteriormente era organizada por pescadores, actualmente é organizada pelos marítimos, que transportam os passageiros entre as margens do rio.⁷¹

⁶⁷ Idem, p. 38.

⁶⁸ Idem, p. 36.

⁶⁹ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.66.

⁷⁰ *Lendas e outras tradições de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 2007, p. 44.

⁷¹ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.66.

2.2. Festa e Romaria em Honra de S. João da Ramalha

A festa em honra de S. João Baptista, santo da devoção da cidade de Almada, realiza-se de 23 a 24 de Junho, tendo a duração de dois dias.⁷² Também conhecida por festa popular da Ramalha, estava muito ligada à procissão de S João Baptista. A procissão é o ponto mais alto da devoção ao santo.

Uma vez por ano, no Pragal, a capela local recebe e recolhe durante uma noite a imagem do santo, proveniente da Igreja de Santiago de Almada. Aquando da chegada do santo à capela, era costume o proprietário da quinta da Ramalha (hoje inexistente) oferecer vinho e refrescos aos romeiros. Eram os populares do concelho que mais frequentavam a festa, que dispunha de arraial, merendas à sombra de oliveiras e figueiras, desfile de carroças e galeras enfeitadas com canas verdes e flores campestres, ranchos ao som de harmónios, trompetes, clarinetes, flautas e outros instrumentos.⁷³ Também dispunha de fogo-de-artifício por toda a cidade e de uma vigília na capela.

A festa de S. João celebrava-se na capela da quinta da Ramalha, culminando com a procissão, que regressava à Igreja de Santiago em Almada, percorrendo as ruas da cidade, no dia 24 de Junho. O andor é transportado a pé por pessoas que se voluntariam, ao ritmo marcada pela banda da Trafaria.⁷⁴

Até ao século XIX saía a famosa “dança dos pauzinhos” e o povo dirigia-se para a vila em marcha. Segundo a tradição, destaca-se à frente do andor de S. João Baptista, a coroa de frutas, acompanhando sempre o padroeiro da Ramalha até à Igreja Matriz de Santiago, em Almada. A coroa de frutas é feita com as primeiras frutas criadas na localidade, tendo a particularidade de ligar a festa da Ramalha à festa pagã das colheitas dos romanos. Os antigos proprietários da quinta da Ramalha ofereciam ao S. João, como prenda votiva, um cacho de uvas pretas.⁷⁵

3. Barreiro

3.1. Festa a Nossa Senhora do Rosário

Também designada por “Festas do Barreiro”, a festa de culto mariano, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, Santa Padroeira da cidade, realiza-se no dia 15 de Agosto, o

⁷² *Lendas e outras tradições de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 2007, p. 48.

⁷³ *Idem*, p. 38.

⁷⁴ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.106.

⁷⁵ *Lendas e outras tradições de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 2007, p. 40.

Feriado Municipal da cidade, tendo a duração de dez dias. Esta festa centra-se na imagem que é padroeira de uma igreja denominada de Nossa Senhora do Rosário, um monumento de grandes proporções dos finais do século XVIII. Este templo foi resultado da ampliação, após o terramoto de 1755, de uma pequena ermida que ali existia, a ermida de S. Pedro.

O culto de Nossa Senhora do Rosário tem origem na Ordem de S. Domingos e foi tomando proporções maiores a partir do século XV. As aparições da Virgem em Fátima, apresentando-se como Nossa Senhora do Rosário, deram-lhe maior evidência, estendendo a devoção por todo o país. No Barreiro esta devoção é a única que se realiza, estando enraizada nas gentes da região desde o reinado de D. Maria I. A lenda conta que a imagem apareceu nas redes de uns pescadores que vinham do Algarve e foram interceptados pelo temporal, fora da barra, protegendo-se dentro desta.

A imagem pequenina da Nossa Senhora encontrada nas redes originou tanta devoção que levou à fundação de uma irmandade em Lisboa, que mais tarde se juntará a outra do Barreiro. De pequenas dimensões, a imagem ia para o Paço, quando D. Maria I dava à luz os seus filhos. Devota de Nossa Senhora, mandou fazer outra imagem, de maiores dimensões, para que fosse colocada num altar, vestida de ricos tecidos e jóias por si doadas.

Anualmente realizava-se uma festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, saindo a imagem desde o Paço até ao Barreiro, voltando novamente para Lisboa. Após a queda da monarquia e inícios da República, em 1910, a imagem permaneceu para sempre no Barreiro.⁷⁶ A imagem de Nossa Senhora do Rosário, que sobreviveu até aos dias de hoje, tem a sua festa a 15 de Agosto, organizada pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Todos os anos, nesse dia, a imagem sai da igreja, fazendo um percurso pelas ruas do centro histórico do Barreiro, passando pelo Santuário de Santa Cruz e acabando na avenida Alfredo da Silva, onde regressa à igreja originária. No dia 15 de Agosto, pela noite, tem lugar arraiais organizados pelo povo, com muita música e bailaricos.⁷⁷ A procissão religiosa com bênção do mar realiza-se nesse mesmo dia.

⁷⁶DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.67.

⁷⁷ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.67.

Durante o período da festa, a Câmara Municipal organiza exposições na escola Alfredo da Silva, que se situa muito perto da igreja, há música, artesanato, desporto, tasquinhas, divertimentos, feirantes, e muitas outras atracções.⁷⁸

4. Moita

4.1. Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem

Esta festa que decorre na Moita, de culto mariano, inicia-se na Sexta-feira anterior ao Domingo mais próximo do dia 8 de Setembro, dia da Santa. Durante dez dias, a vila da Moita vive e respira ao ritmo das suas festas anuais. Chamam-lhe a “rainha das festas do Sul”, reflexo do seu longo historial e tradições.

Os perigos e a duração das viagens nas embarcações causavam receios nos passageiros e nas tripulações dos barcos, que pediam protecção à Senhora da Boa Viagem, estando este nome relacionado com a boa viagem que ambicionavam. Os Frades Arrábidos, para contentarem os marítimos devotos da Senhora da Boa Viagem mandaram executar uma imagem em madeira, com o Menino Jesus no braço esquerdo e uma nau na mão direita, simbolizando assim a ajuda divina que a Nossa Senhora da Boa Viagem concedia às embarcações.⁷⁹

Nos dias de hoje, as festas em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, apesar de terem origem religiosa e sendo essencialmente festividades de devoção, também são uma grande manifestação de lazer e de carácter profano, tendo na Festa Brava uma componente essencial, contando com largadas diárias, diurnas e nocturnas, e com corridas de touros durante a feira taurina.⁸⁰ Ao longo destes anos, a Moita tem consolidado uma posição de destaque no panorama tauromáquico, sendo uma importante feira taurina de Portugal, aquando das Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem.⁸¹

A festa inicia-se sempre na Sexta-feira anterior do Domingo mais próximo do dia 8 de Setembro, e é neste dia que a abertura é feita pela fanfarra dos Bombeiros ao início

⁷⁸Disponível em http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5823 consultado em Agosto de 2017.

⁷⁹DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.49.

⁸⁰DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.50.

⁸¹*Retrato em Movimento do Concelho da Moita*, Câmara Municipal da Moita, 2004.

da noite. Realiza-se então a primeira largada de touros. O dia de Domingo fica marcado pelas manifestações religiosas, sendo que ao meio-dia realiza-se a Missa Solene em honra da padroeira, concelebrada por três sacerdotes, onde se pede à Virgem “Boa Viagem para a nossa vida...”.⁸²Após a Missa Solene, iniciam-se os preparativos para a procissão que se realiza a meio da tarde. O largo da igreja e o percurso da procissão enchem-se de devotos que levam nas mãos o terço, missais ou dinheiro para pagamento das suas promessas.

São voluntários que tratam da decoração e do transporte dos andores. Em tempos esta função era atribuída às famílias mais importantes da vila, designadas por Aias de Nossa Senhora da Boa Viagem, tendo cada família um andor à sua responsabilidade. Na decoração de cada andor eram elaborados belos arranjos florais e o transporte dos mesmos era efectuado por empregados pagos pelas famílias para o efeito. A salva de foguetes e o tocar do sino assinalam a hora de saída da procissão, cujo cortejo é aberto por um guarda da G.N.R. a cavalo, seguido da banda, o Guião e os andores precedidos de crianças vestidas de anjos. Segue-se o pároco sob o pálido e os devotos que acompanham o cortejo. A procissão segue pelas ruas da vila da Moita antes de chegar ao cais, onde é dada a bênção às embarcações engalanadas, assinalada por uma grande salva de morteiros lançada dos barcos. Os romeiros, durante o percurso colocam dinheiro no andor, como forma de pagamento das suas promessas. A procissão regressa à igreja já pela noite e até à Quinta-feira seguinte as celebrações religiosas continuam com a realização de uma missa diária em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem.⁸³

Na Segunda-Feira inicia-se o grande momento da Festa Brava. Durante as celebrações de Nossa Senhora da Boa Viagem, a Festa Brava apresenta-se sob a forma das largadas de touros, diurnas e nocturnas, na avenida principal da vila, e através da maior Feira Taurina do país, onde se realizam várias corridas de touros, em dias consecutivos, na Praça Daniel do Nascimento, tendo no cartaz grandes figuras do toureio português e mundial. Dirigem-se forasteiros de todas as redondezas para a Moita a fim de participar nas largadas, juntando-se à volta da arena onde os touros são largados. A largada de cada touro é assinalada por um foguete, sendo o total de quatro touros. Este momento tem a duração de duas horas, sendo uma exibição de virilidade, ganhando a admiração do povo quem se arrisca a enfrentar o touro. Durante a festa,

⁸²DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.50.

⁸³ Idem, p. 51.

comer bifanas, entremeadas ou couratos no pão, torna-se um ritual gastronómico.⁸⁴ As tardes incluem outros eventos gastronómicos, como a “Tarde do Fogareiro”, que transforma a avenida principal num grande restaurante, onde os participantes, amigos e famílias petiscam e convivem, enquanto a charanga “Huga-Guga do Rosário” costuma animar “o mais famoso almoço” dos festejos populares do país.⁸⁵

À noite, juntamente com as corridas de touros, chegam os concertos, os espectáculos e os bailes que animam a vida nocturna. No último dia da festa (Domingo) assiste-se a um espectáculo de fogo-de-artifício, que encerra as festividades. Durante os dias festivos, também se pode assistir a outros eventos, como festivais de folclore, provas desportivas, concursos dos barcos melhor engalanados, regatas de barcos no Tejo, e alguns torneios.

4.2. Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos de Alhos Vedros

Em Alhos Vedros, esta festa de culto mariano realiza-se no Domingo mais próximo do dia 2 de Agosto, dia oficial da comemoração de Nossa Senhora dos Anjos, tendo a duração de 5 dias.

A invocação a Nossa Senhora dos Anjos de Alhos Vedros está ligada a uma lenda. Conta-se que após a derrota do exército de D. Afonso Henriques, na conquista de Palmela, os moradores do castelo fugiram para Alhos Vedros, onde os habitantes assistiam na igreja aos ofícios do Domingo de Ramos. Estes, receberam os da vila conquistada e saíram da igreja ao som dos sinos, pedindo protecção a Nossa Senhora dos Anjos, que os atendera. Em memória desta dádiva, os habitantes de Alhos Vedros decidiram celebrar o sucesso do Domingo de Ramos com uma procissão solene, em acção de graças e com sermão, seguido dos ofícios divinos. Os moradores das terras circundantes acediam a esta solenidade com os seus párocos, cruzes paroquiais, fogaças e círios em oferta à Senhora.⁸⁶

A Festa apresenta a sua componente sagrada e profana. É no Domingo que a imagem sai em procissão, percorrendo as principais ruas da freguesia, deslocando-se até ao cais, voltando depois novamente para a igreja. A procissão dura cerca de duas horas,

⁸⁴DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.52.

⁸⁵*Guia das mais famosas Festas e Romarias de Portugal - Uma Viagem Completa às nossas Tradições*, Atlântico Press, 2012, p. 245-246.

⁸⁶DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.68.

contando com a participação da própria comunidade. A Comissão de festas é composta por membros designados pela Igreja e pela Junta de Freguesia, e é responsável pela organização da festa, planeia vários festejos que se iniciam dez dias antes da procissão, a uma Sexta-feira.⁸⁷ Durante a semana festiva, realizam-se espectáculos para todos os gostos, comes e bebes e divertimentos.

5. Montijo

5.1. Festa de Nossa Senhora da Atalaia

É no último fim-de-semana de Agosto, entre a última Sexta e a Segunda-feira seguinte, que se realiza durante quatro dias, a festa de culto mariano, na Atalaia. Em 1607 concorriam à Atalaia 23 círios.⁸⁸ Em 1923 calculou-se que estivera uma multidão de oito mil pessoas na Festa da Atalaia. Por volta de 1950, a romaria à Atalaia, nos finais de Agosto, era considerada a maior da região ao sul do Tejo.⁸⁹ É considerada a romaria mais antiga realizada no sul do país.⁹⁰

Durante os dias da festa, são cinco os círios que se deslocam à Atalaia: o Círio da Carregueira, o Círio da Quinta do Anjo e o Círio dos Olhos de Água (todos de Palmela), o Círio Novo e o Círio da Azóia (de Sesimbra).

A festa, também designada por “Festa Grande”, inicia-se na Sexta-feira, com a abertura do arraial, espalhado por toda a região, a existência de uma feira, divertimentos, e venda de comida.

Cada círio, tal como o círio dos Marítimos de Alcochete, possui na Atalaia a chamada “casa dos círios”, dispersas pela freguesia, para servir de alojamento aos peregrinos que ali descansam, também como espaço de bailaricos, que duram até de manhã. Nomeadamente de Domingo para Segunda-feira, era mesmo proibido dormir. A proibição ou a vigília, tinha como objectivo a deslocação, na manhã seguinte (Segunda-feira), à “Fonte-Santa” para a habitual “lavagem da cara” na nascente da “água santa”, posteriormente transformada em fonte. O ritual mantém-se, embora a água se encontre

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ PINHO, Jaime; SILVA, Carlos da; GONÇALVES, Fernanda, *Entre Urzes e Camarinhas – as Festas da Arrábida e de Tróia*”, Setúbal, Flamingo Rosa, 1992, p. 129.

⁸⁹ PINHO, Jaime; SILVA, Carlos da; GONÇALVES, Fernanda, *Entre Urzes e Camarinhas – as Festas da Arrábida e de Tróia*”, Setúbal, Flamingo Rosa, 1992, p. 130.

⁹⁰ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 215.

poluída. A lenda conta, pela voz do povo, que a imagem da Senhora foi encontrada em tempos antigos, junto da nascente milagrosa.⁹¹

A romagem dos círios inicia-se no Sábado, cada cortejo transporta um andor com a imagem da Senhora da Atalaia, o guião e as bandeiras, dirigindo-se até ao Cruzeiro-mor, onde são dadas três voltas rituais em seu redor, acompanhadas por três músicos: o gaita-de-foles, o bombo e o clarinete, outros acompanhados por uma fanfarra de bombeiros ou por uma banda filarmónica. Cada círio regressa ao adro da igreja. No decorrer dos cortejos, ouvem-se foguetes e morteiros no ar, a anunciar a cerimónia.

No Domingo, os cinco círios reúnem-se num cortejo único para seguirem novamente até ao Cruzeiro, voltando a repetir as três voltas rituais, acompanhados de morteiros foguetes e música. Entretanto, pela manhã são realizadas duas missas na capela, uma às dez horas, pelo Círio da Quinta do Anjo e outra às onze horas, pelo Círio da Azóia. Na Segunda-feira celebra-se uma nova missa, pelos restantes círios. Nas duas missas os círios são representados apenas por um elemento que transporta o guião.

É no Domingo que se realiza a procissão, às dezassete horas, com a imagem de Nossa Senhora da Atalaia, presente na capela, seguem-se os elementos dos círios, a banda filarmónica e muito povo, que percorre as ruas da localidade.⁹² As bandeiras e o guião com a imagem da Senhora da Atalaia, ofertas provenientes de promessas, são leiloados nas respectivas “casas dos círios”, cabendo a quem as arremata, levá-las para casa até às festas do ano que se segue. Os andores permanecem guardados na sua “casa”, sendo que alguns já possuem um oratório.

A imagem de Nossa Senhora da Atalaia, segundo a lenda e na voz do povo, foi encontrada junto da nascente milagrosa onde ocorre o ritual da “lavagem da cara”, a Fonte-Santa, que é hoje uma freguesia.⁹³

Desde a sua aparição que aumentou a afluência de devotos a visitar esse sítio pitoresco. Todos os círios que todos os anos frequentam a Atalaia, nunca esquecem este lugar abençoado pela Virgem. “É um espectáculo imponente ver pela madrugada de Domingo a extraordinária concorrência do povo a circundar esta fonte santa”. Nesta altura o arraial do sítio da Atalaia quase se despoeva, os romeiros vão até à fonte, uns

⁹¹ Idem, p. 216.

⁹² BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 217.

⁹³ Idem, p. 215-216.

pela devoção de beberem a água de Nossa Senhora, outros para procederem à lavagem, previamente abastecidos de bacias e toalhas.⁹⁴

Os cinco círios que fazem parte da romaria de Nossa Senhora da Atalaia, desde os tempos antigos continuam a efectuar um peditório, pelas localidades mais próximas, a fim de angariar donativos para a deslocação à Atalaia. Os festeiros vão acompanhados de músicos pelas ruas, ao som de instrumentos como a gaita-de-foles, o clarinete e o bombo.⁹⁵ A festa dos círios inicia-se na Sexta-feira, com a abertura de arraial, que decorre por toda a região, composto por uma feira, diversões, e barracas de petiscos.⁹⁶

5.2. Festa de Nossa Senhora da Oliveira

A festa dedicada a Nossa Senhora da Oliveira, realiza-se no último fim-de-semana de Agosto, decorre entre Sexta-feira e Domingo, em Canha. As festas em Honra de Nossa Senhora da Oliveira são relativamente recentes. Tendo pouco anos de existência, nela participa toda a população da região de Canha. Cabe à população o planeamento e execução de toda a decoração das ruas da vila, utilizando flores de papel. A decoração é mantida em segredo até ao dia de início da festa.⁹⁷

É a meio da tarde de Sexta-feira que se inicia a cerimónia de abertura dos festejos, com a visita dos convidados e do povo de Canha às ruas previamente decoradas de flores de papel. Após a visita, sucede a primeira largada de touros na rua principal da vila. É pela noite que culmina o baile e a música.

O Sábado é o grande dia da festa profana, que se inicia pelas oito horas até à madrugada de Domingo. A festa conta com bandas musicais, bailes e charangas. Às quatro da madrugada de Domingo faz-se a monumental sardinhada, com pão e vinho da região, oferecido pela população aos visitantes. Às cinco horas assiste-se à largada de touros, até às oito horas da manhã.

O Domingo é o dia que é dedicado a Nossa Senhora da Oliveira. A missa solene é ao meio dia, na Igreja Matriz de Canha. A procissão realiza-se ao fim da tarde, percorrendo as principais ruas de Canha. O encerramento da festa acontece à meia-

⁹⁴PINHO, Jaime; SILVA, Carlos da; GONÇALVES, Fernanda, *Entre Urzes e Camarinhas – as Festas da Arrábida e de Tróia*”, Setúbal, Flamingo Rosa, 1992, p. 130.

⁹⁵BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 217.

⁹⁶ Idem, p. 215.

⁹⁷DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.74.

noite, com uma grande salva de morteiros.⁹⁸ É nesta festa de grande convívio que cada um partilha o seu fogareiro com o visitante e com o vizinho. Há arraial, charangas, sardinhas assadas, e largada de touros.⁹⁹

5.3. Festa em Honra de S. Pedro

A Festa em Honra de S. Pedro realiza-se de 29 de Junho (Feriado Municipal) a 30 de Junho, no Bairro dos Pescadores, do Montijo. As Festas de São Pedro de hoje em dia, nasceram a partir de 1951. São Pedro torna-se padroeiro dos pescadores, embora o patrono do Montijo seja o Divino Espírito Santo.

Num passado longínquo, os pescadores presenteavam a sua terra com um espectáculo, que consistia em enfeitar um velho batel, com bandeiras e loiros, que era transportado em procissão, desde o bairro dos pescadores, passando pelas ruas principais da povoação, até ao adro da igreja matriz. A banda filarmónica e os foguetes acompanhavam o cortejo, que se realizava ao fim da tarde. À noite organizava-se um baile, em que as danças e cantorias aconteciam em redor do batel, em chamas, ao som dos foguetes. A festa acabava quando o batel ficasse reduzido a um braseiro.¹⁰⁰ O ritual festivo da “queima do batel” continua a realizar-se, utilizando um barco já sem utilidade, que é enfeitado e queimado junto ao rio, perto do Cais das Faluas.¹⁰¹

No dia seguinte, entre as dez e as onze horas da manhã é celebrada a missa solene, com sermão e procissão. A igreja do Espírito Santo enchia-se de cristãos, pescadores que pediam a Deus por intermédio de S. Pedro, que os protegesse do mar e que regressassem sãos e salvos, que abençoasse o seu trabalho, demonstrando confiança absoluta em S. Pedro.¹⁰²

A procissão realizava-se sempre depois da missa solene, não tendo hora exacta, obedecendo à maré cheia, devido à bênção do mar e das embarcações. As promessas e votos feitos durante o ano, eram cumpridos nesta cerimónia.¹⁰³ A seguir à missa

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ *Guia das mais famosas Festas e Romarias de Portugal - Uma Viagem Completa às nossas Tradições*, Atlântico Press, 2012, p. 250.

¹⁰⁰ LANDEIRO, José Manuel, *No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo)*, Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 10.

¹⁰¹ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro JUNHO, p. 199.

¹⁰² LANDEIRO, José Manuel, *No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo)*, Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 11.

¹⁰³ Idem, p. 200.

também se seguia uma romagem ao cemitério em honra dos pescadores falecidos. Pescadores e povo seguem em barcos, de todos os géneros, festivamente ornamentados com flores e bandeiras, até à Base Aérea nº 6 do Montijo. É aí que recolhem a imagem de São Pedro (transportada para ali dias antes), que trazem à tarde em procissão pelo mar até ao Cais das Faluas. Em seguida, a imagem é levada pelos pescadores, também em procissão, até à igreja matriz.

À noite, pelas vinte e duas horas, tem lugar a grande e solene Procissão de São Pedro, com a imagem no seu andor, em forma de barco, no meio de flores naturais, conduzido mais uma vez pelos pescadores, sempre descalços. Nesta procissão integram-se os andores da Senhora da Atalaia, de São Rafael, de Santo António, de São João e de São José.

Durante aproximadamente duas horas, a procissão percorre desde o Bairro dos Pescadores, passando pelas ruas principais do Montijo em direcção ao adro da Igreja Matriz do Espírito Santo, com o cortejo acompanhado pela banda filarmónica, ao som dos foguetes.¹⁰⁴As avenidas são artisticamente ornamentadas e iluminadas, providas de alto-falantes.¹⁰⁵

No dia seguinte, dedicado a São Marçal, pelas seis ou sete horas da manhã, realiza-se a romaria ou “marcha dos pescadores”, juntamente com o povo, à “lavagem” na Quinta do Saldanha. Esta prática ritual consistia na lavagem da cara ou das mãos dos que participavam, num tanque de pedra que desde há muito que serve para o efeito.¹⁰⁶

No final da manhã, há lugar à “arrematação das bandeiras”, figuradas com santos e com pequenas imagens de Santo António, São Marçal e São Pedro (a mais disputada). São leiloadas, atingindo lances de algumas centenas de euros. Quem fizer o melhor lance tem o direito de conservar a bandeira ou imagem em sua casa até à arrematação do ano seguinte, quando as bandeiras e imagens voltam a ser propriedade da Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegaleda, para que voltem a ser leiloadas.¹⁰⁷

O Círio dos Pescadores já existia no reinado de D. Manuel I (1459-1521), que foi seu juiz perpétuo, assim como todos os seus sucessores monarcas. D. Manuel I

¹⁰⁴BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro JUNHO, p. 199.

¹⁰⁵LANDEIRO, José Manuel, *No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo)*, Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 14 & 12.

¹⁰⁶BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro JUNHO, p. 201.

¹⁰⁷ Idem, p.202.

promovia a sua festa no santuário da Atalaia, onde decorria a missa solene, sermão e procissão. Era o juiz da festa, o Rei, que pagava o sermão. O pregador era dado pelos religiosos provenientes da Ordem de S. Francisco.¹⁰⁸

As touradas foram inseridas nos festejos da vila no século XVI, por provisão real do rei D. Manuel I, “para diversão do povo”. As largadas de touros passaram a constituir mais uma atracção da festa.¹⁰⁹

Apesar de alguns anos de declínio, os festejos nunca deixaram de se realizar anualmente no Bairro dos Pescadores, mantendo-se sempre os enfeites e iluminação pelas ruas, becos e pátios, para além da quermesse, dos bailes e largadas de touros. Por volta de 1607 era costume, no dia da festa, a Confraria dos Pescadores proceder à eleição dos festeiros e do juiz-tesoureiro, a quem cabia a organização da festa no ano que seguinte. A escolha recaía nos pescadores mais abastados, nomeadamente proprietários de embarcações. Quanto mais se pescava mais esplendor teria a festa desse ano, uma vez que as quotas e percentagens dos lucros de cada barco revertiam para as despesas dos festejos, assim como o dinheiro de mealheiros que eram colocados nas embarcações onde eram depositadas quantias destinadas à confraria. Notou-se em 1951, um crescimento das festas, sendo adoptado um novo processo, em que os mealheiros passariam a ser espalhados pelos estabelecimentos da cidade, possibilitando assim, a contribuição do povo para as despesas da festa.¹¹⁰ A imagem é suportada no andor, em forma de barco, no meio de flores naturais.¹¹¹ No andor pegava quem desse mais.¹¹²

No decorrer da procissão, a imagem era voltada por três vezes para a assistência, como se tivesse a abençoar ou a despedir-se dos seus devotos.¹¹³

As despesas dos festejos eram suportadas pelas quotas, percentagens dos lucros de cada barco de pesca, pelos mealheiros colocados nas embarcações destinados ao depósito de quantias, ao final do mês, destinadas à confraria.¹¹⁴ Tanto a ornamentação

¹⁰⁸LANDEIRO, José Manuel, No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo), Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 15.

¹⁰⁹BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro JUNHO, p. 194.

¹¹⁰ Idem, p.198.

¹¹¹Idem, p. 201.

¹¹²LANDEIRO, José Manuel, No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo), Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 11.

¹¹³ Idem, p. 12.

¹¹⁴BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro JUNHO, p. 198.

como a iluminação das ruas, têm o patrocínio da Câmara Municipal.¹¹⁵ Após a arrematação das bandeiras segue-se o almoço-convívio anual, dois concursos, o de montras e da janela melhor enfeitada, desde que situada no percurso da largada de touros, no Bairro dos Pescadores. Actualmente, para além das solenidades religiosas, o arraial, a feira e os concertos realizados na Praça da República, mantêm-se.¹¹⁶

A partir de 1957, a tourada passou a fazer parte das Festas Populares de São Pedro. A largada de touros constituía o festival taurino, e era uma tradição das gentes locais. Em 1991, as festas passaram a incluir marchas populares.¹¹⁷ Além das solenidades religiosas, há feira e arraial no recinto, com diversões, concertos musicais, quermesse, tómbola e espectáculo de fogo-de-artifício.¹¹⁸

5.4. Festa do Senhor Jesus dos Aflitos

É no Montijo que se realiza, no dia 30 de Junho, a Festa em Honra do Senhor Jesus dos Aflitos. No Montijo existe uma grande devoção por parte de toda a classe marítima pelo Senhor Jesus dos Aflitos, quer sejam pescadores, embarcados ou pertencentes a barcos de passageiros. O culto pode ser feito numa pequena capela junto ao rio.

Todos os anos, durante a procissão e devoção a S. Pedro, os marítimos cumprem uma tradição, proveniente do século XVI. Pela manhã, deslocam-se em romaria, transportando as bandeiras da arrematação do ano anterior, até à capela do Senhor Jesus dos Aflitos, onde ocorre o ritual da lavagem. Ainda pela manhã, tem lugar a arrematação das bandeiras para as festas de S. Pedro do próximo ano. Segue-se o almoço entre todos os pescadores da região.¹¹⁹

A imagem de Cristo crucificado, venerada numa pequena ermida dos finais do século XVIII, sendo esta feita de marfim indo-português do século XVII, possuindo ainda a cruz original, também indo-portuguesa, ornamentada com incrustações metálicas. Cristo encontra-se em pose agonizante, o momento do seu último suspiro, olhando para os céus. Esta imagem destaca-se pelo marcado tratamento anatómico do

¹¹⁵LANDEIRO, José Manuel, No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo), Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 14.

¹¹⁶BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro JUNHO, p. 202-203.

¹¹⁷Idem, p. 203.

¹¹⁸LANDEIRO, José Manuel, No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo), Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 13.

¹¹⁹DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.109.

tronco, braços e pernas, desenho dos cabelos e barbas, e pela ornamentação do cendal. As origens desta peça são desconhecidas, terá sido trazida da Índia, em inícios do século XVIII, e oferecida ao santuário local, desencadeando o seu culto, até aos dias de hoje.¹²⁰

Não era a Confraria dos Pescadores de Aldeia Galega que organizava estas festas, mas sim os pescadores, que particularmente as promoviam.¹²¹

6. Palmela

6.1. Festa da Escudeira

A Festa da Escudeira realiza-se no mês de Agosto, entre S. Paulo e a Serra do Louro, mais especificamente na Serra dos Barris, onde existe uma capela, na Quinta da Escudeira em Vale Barris.¹²² Dura quatro dias. Estes festejos, que remontam a tempos imemoriais, começaram a decorrer de forma organizada por volta de 1750, data da construção da Capela.¹²³ À romaria religiosa, alia-se o festejo popular de verão, com bailes e arraial.¹²⁴ Apesar de ser chamada Festa da Escudeira, o seu culto é mariano, sendo em honra da Assunção de Nossa Senhora.¹²⁵

Esta festa rural e popular inicia-se na Sexta-feira, com a actuação da fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Palmela e, em seguida, um fogo-de-artifício, em modo de saudação a Nossa Senhora, assim como um brinde com vários vinhos da região a todos os presentes.¹²⁶

Durante os dias de festa, assistem-se a vários bailes populares pela noite dentro, quermesses, actuação de ranchos folclóricos, e por vezes, tiro aos pratos. É na tarde de Sábado e na manhã de Domingo, que se assiste ao ponto alto dos divertimentos, a “vacada”, num recinto preparado para esse fim. Os peregrinos reúnem-se no recinto das festas às 17:30h de Domingo, para assistir à procissão e à missa. Na Segunda-feira

¹²⁰ Idem, p. 107.

¹²¹ LANDEIRO, José Manuel, No rolar dos anos (As Festas de S. Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo), Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952, p. 19.

¹²² DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.71.

¹²³ Disponível em https://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=4218 consultado em Agosto de 2017

¹²⁴ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.71.

¹²⁵ PINHO, Jaime; SILVA, Carlos da; GONÇALVES, Fernanda, *Entre Urzes e Camarinhas – as Festas da Arrábida e de Tróia*, Setúbal, Flamingo Rosa, 1992, p. 128.

¹²⁶ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.72.

celebra-se a missa em honra dos festeiros falecidos, há arrematação de fogaças até de madrugada, como forma de pôr fim às festas da Escudeira.

Em relação à angariação de fundos “As Festas da Escudeira, por serem consideradas património cultural da região, contam com o apoio da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia de Palmela e do Parque Natural da Arrábida. Não têm fins lucrativos, todas as receitas provenientes das mesmas são integralmente canalizadas, pela Comissão das Festas da Escudeira, para o financiamento do evento.”¹²⁷

A organização da Festa da Escudeira está a cargo da Associação Nossa Senhora da Escudeira, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela, entre outros.¹²⁸ Durante as Festas da Escudeira existem bailaricos, piqueniques familiares, fogo-de-artifício, tiro aos pratos, quermesses, ranchos folclóricos, entre outros divertimentos.

6.2. Festa das Vindimas

A Festa dedicada à Vindima realiza-se anualmente, desde a Quinta-feira anterior ao primeiro Domingo do mês de Setembro até à Terça-feira seguinte, na Vila de Palmela, tendo a duração de 6 dias. Tem como objectivo a promoção do vinho da região da Península de Setúbal, mas também das frutas.¹²⁹

Desde há muito que a vindima é a última e mais importante tarefa do ano agrícola, sendo uma celebração comunitária, uma aliança entre o trabalho e o divertimento, o cansaço e a alegria misturam-se, proporcionando o convívio entre as gentes, os vindimadores.

Desde 1963, a Vila de Palmela passou a organizar a Festa das Vindimas. A vindima é um trabalho de entreaajuda, as pessoas ajudam-se, juntam-se para proceder à vindima de cada um, sem pagamentos, existindo apenas a retribuição em mão de obra. A refeição oferecida a quem participou na vindima ou outra importante tarefa do campo designa-se por “adiafa”. É a recompensa do esforço e da solidariedade, principalmente

¹²⁷Disponível em <http://www.quintadaescudeira.pt/festa-nossa-senhora-da-escudeira/> consultado em Agosto de 2017.

¹²⁸Disponível em https://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=4218 consultado em Agosto de 2017

¹²⁹DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.138.

em terras pequenas, presenteada pelos donos da vinha vindimada ao “rancho”, grande ou pequeno, que ajudou na empreitada.¹³⁰

É a maior festa popular do calendário regional fortemente ligada à tradição vitivinícola do concelho. A Festa das Vindimas oferece um cartaz recheado de espectáculos e animação, provas de vinhos, exposições, eventos desportivos, as tradicionais celebrações do cortejo alegórico, largadas de touros e o afamado espectáculo pirotécnico sobre a vila. Desde o primeiro ano de festa que se tornou claro que a Festa das Vindimas seria composta por três grandes momentos: a Pisa e Bênção do Primeiro Mosto, o Cortejo Alegórico e a Eleição da Rainha.¹³¹

A cerimónia da Pisa e Bênção do Primeiro Mosto realiza-se no primeiro Domingo de Setembro. Um cortejo de camponeses transportava as primeiras uvas em grandes cestos, desde o Largo do Chafariz até ao Largo do Município. Todos esses cestos eram despejados dentro de uma lagariça, colocada perto da Igreja de S. Pedro, onde a uva é pisada até brotar o primeiro mosto. Após essa transformação é recolhida uma amostra que é analisada publicamente por um engenheiro. Depois de apurado o grau alcoólico, o líquido é transportando em 6 pequenos barris até ao altar, onde é benzido. Deste mosto resultam vários litros de vinho, distribuídos posteriormente pelas várias paróquias do concelho, para a celebração da Eucaristia.¹³²

O Cortejo Alegórico alusivo às Vindimas realiza-se também no Domingo, pelas 17 horas, todos os anos subordinado a um tema diferente. No primeiro ano não se diferenciou do Cortejo dos Camponeses. Nos anos posteriores as Casas Agrícolas prepararam carros alegóricos que apresentaram no Cortejo.

A Rainha, símbolo feminino das Festas, presente em todos os actos da Festa, participa no Cortejo Alegórico, ocupando o último carro. Foi nas Festas de 1964 que foi eleita, pela primeira vez, no primeiro dia do evento.¹³³ A eleição da rainha das Vindimas acontece no dia anterior ao da abertura da festa. O seu “reinado” tem a duração de um

¹³⁰BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 189.

¹³¹ Disponível em <https://www.festadasvindimas.pt/historia/> consultado em Agosto de 2017.

¹³² Ibidem.

¹³³ Ibidem.

ano e as candidatas têm de residir ou ser naturais de Palmela, ter mais de quinze anos de idade e serem solteiras.¹³⁴

Desde as suas origens que esta festa é organizada por uma comissão constituída por notáveis locais, voluntários.¹³⁵ A Associação das Festas de Palmela, conta com o apoio da Câmara Municipal de Palmela. A Festa das Vindimas traz à vila o arraial, o corripio da gente, música nas ruas, cortejos, fogos e vinho. O Arraial, ornamentado e alusivo à sua temática, anuncia a presença da Festa da Vindima, da Uva e o Vinho.¹³⁶

É o som de um foguete que se anuncia o início da Festa das Vindimas, que as ruas se iluminam e onde é possível provar os vinhos da região, onde há animação, abrangendo diversas iniciativas, desde a Feira Popular com carrosséis, música, vendedores de rua, concertos de artistas portugueses e estrangeiros, exposições, provas desportivas, festivais de folclore, manhãs infantis e largadas de touros. O chamado “simulacro do fogo no castelo” é espectáculo mais aguardado por todos, sendo uma magnífica sessão de fogo-de-artifício que encerra as festividades.¹³⁷

7. Seixal

7.1. Festa de Nossa Senhora da Anunciada do Monte Sião

Esta festa que presta homenagem a Maria, realiza-se no mês de Agosto, na frente ribeirinha da Amora. Dura cerca de 5 dias. A sua origem deve-se à lenda da aparição da imagem. Conta-se que foi responsável pela protecção das populações, durante uma grande peste, que no reinado de D. Sancho I (1185 – 1211) causou muitas mortes, despovoando algumas regiões.

A partir de 1603, são constantes as referências à festa a Nossa Senhora da Anunciada do Monte Sião. Hoje em dia, a procissão realiza-se pela tarde de dia 15 de Agosto, percorrendo as ruas da Amora Velha, seguindo para o Rio Judeu, um esteiro do rio Tejo, onde são abençoadas as águas do rio. De seguida, a imagem volta novamente para a Igreja.¹³⁸

¹³⁴ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.138-139.

¹³⁵ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.138-139.

¹³⁶ Disponível em <https://www.festadasvindimas.pt/historia/> consultado em Agosto de 2017.

¹³⁷ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 193-194.

¹³⁸ DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.64.

As “Festas de Amora”, promovidas pela Junta de Freguesia da Amora, são o ponto alto da cultura e tradição da freguesia. Durante os dias festivos, a população sai à rua em devoção à sua Padroeira.

A procissão de Nossa Senhora do Monte Sião caracteriza-se por três momentos importantes: a eucaristia no largo da igreja, belíssimo momento de devoção; a procissão pelas ruas de Amora, com a cavalaria a abrir caminho para os devotos que transportam as velas, estandartes e os andores, seguidos pela banda da Sociedade, caminhando até ao Caís, onde a Santa abençoa a terra e o mar, rodeada de fiéis que demonstram a sua fé estando presentes na cerimónia; o caminho até à Capelinha da Medideira onde centenas de populares aguardam a passagem da procissão.

As festas propagam-se desde a Escola Paulo da Gama até à Associação Unitária de Reformados, Pensionistas e Idosos de Amora (A.U.R.P.I.A.). A Avenida Silva Gomes é enfeitada com as luzes de arraial, feirantes e comerciantes, petiscos, tasquinhas, doces, artesanato, divertimentos e carrosséis que atraem milhares de pessoas.¹³⁹

A imagem de Nossa Senhora da Anunciada era feita em madeira, com cabelos naturais, tendo sido trazida da Palestina. Segundo a devoção do povo, a imagem era muito “milagreira”. Em 1951, a imagem foi roubada, sendo substituída em 1982, por uma imitação executada numas oficinas de Braga.¹⁴⁰

A maior parte do actual edifício da Igreja de Nossa Senhora do Monte Sião data, muito provavelmente, de finais do século XVIII. Resultou da reconstrução realizada após o terramoto de 1 de Novembro de 1755, que causou grandes danos no templo.¹⁴¹

7.2. Festa de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela

Realiza-se no dia 1 de Novembro, dia de Todos os Santos, na Arrentela. A festa em Honra a Nossa Senhora da Soledade na Arrentela teve origem no terramoto de 1755. Na Arrentela os habitantes com medo que as ondas do sismo destruíssem as suas casas, pediram à Virgem protecção, através de Nossa Senhora da Soledade, que segundo o que

¹³⁹Disponível em <https://www.anafresetubal.com/atividades/128-festas-populares-de-amora-encerram-com-espetaculo-pirotecnico>.

¹⁴⁰DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.64.

¹⁴¹Disponível em <http://www.cm-seixal.pt/patrimonio/igrejas-matrizes>.

se conta, fez recuar as águas do rio. O facto de não terem havido mortes e apenas alguns feridos, também se atribuiu à Senhora da Soledade.¹⁴²

Este acontecimento foi lembrado através das Festas em Honra de Nossa Senhora da Soledade, invocando o milagre que a Virgem Maria, com o seu poder celestial, fez com que as águas do rio recuassem, salvando a população de Arrentela, sobretudo pescadores, sujeitos a perigos maiores. Desde 1755 que estas cerimónias se realizam, sendo as mais importantes para a população, que continua a manifestar a sua gratidão a Nossa Senhora da Soledade, pelo milagre sucedido.¹⁴³

A festa começa no dia 29 de Outubro com actos litúrgicos e com o peditório. O centro destas festividades é a igreja estando, por isso, iluminada. Os morteiros são lançados durante os dias de festa, chamando a atenção dos habitantes.

No dia 1 de Novembro realiza-se a procissão a Nossa Senhora da Soledade, percorrendo um percurso de aproximadamente um quilómetro, composta pelos devotos que participam no cortejo que percorre toda a povoação. A procissão sai do adro da Igreja, sendo o seu momento principal a bênção dos mares, ao som de foguetes, em memória do milagre ocorrido no dia 1 de Novembro de 1755. A procissão regressa pela marginal de Arrentela até ao adro da Igreja. É neste local que se assiste ao sermão por parte do pároco, a convite da Comissão de Festas, que marca o fim das celebrações litúrgicas.

Antigamente, a responsabilidade da organização das festas era da Confraria do Santíssimo Sacramento, que escolhia o mordomo da festa. Actualmente é organizada por uma comissão que é presidida por um juiz, um secretário e quatro ou cinco festeiros.¹⁴⁴

7.3. Festas em Honra de S. Pedro

As também conhecidas por “Festas Populares de S. Pedro” realizam-se no último fim-de-semana de Junho, em homenagem ao santo popular, no Seixal. As festas de S. Pedro estão relacionadas com as tradições marítimas da vila do Seixal. O ponto alto da festa é a procissão marítima, dedicada a S. Pedro. O santo é conduzido, numa

¹⁴²DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.65.

¹⁴³Disponível em <http://www.diocese-setubal.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1171>.

¹⁴⁴DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.65.

embarcação previamente preparada para o efeito. Os barcos enfeitados, percorrem o rio Judeu, em frente ao Seixal, seguindo-se a bênção das embarcações.¹⁴⁵

A veneração a S. Pedro é protagonizada pelas comunidades piscatórias, representando uma dimensão protectora na sua actividade profissional. A imagem de S. Pedro no Seixal, representa mesmo a figura de um apóstolo que segura uma embarcação.¹⁴⁶ Durante os dias festivos, há música, arraiais, bailes, exposições e iluminação festiva.

8. Sesimbra

8.1. Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas

A Festa do Senhor Jesus das Chagas tem lugar na vila de Sesimbra durante os últimos dias de Abril e primeira semana de Maio, sendo os dias 3, 4 e 5 deste mês os mais importantes. É a principal festa da vila de Sesimbra, sendo o Senhor Jesus das Chagas o padroeiro dos pescadores. O grande dia é o da procissão, 4 de Maio, feriado municipal.

Segundo a tradição oral, o culto teve início no dia 3 de Maio de 1534 no reinado de D. João III (1521 – 1557), sendo para a comunidade marítima sesimbrense, a festividade mais importante, a principal festa da vila.

A lenda conta que em meados do século XVI, durante uma tempestade, uma imagem de Cristo deu à costa sobre uma pedra, conhecida por “Pedra Alta”, que segundo a tradição, nunca fica submersa pela ondulação ou pelo areal em dias de tempestade, ao contrário das outras rochas que a rodeiam. Foram pescadores que encontraram a imagem, e a levaram em procissão para a capela da Misericórdia. Deram-lhe o nome de Senhor Jesus das Chagas, aqui o padroeiro dos pescadores.¹⁴⁷

A procissão tem a duração de aproximadamente duas horas, sendo o percurso o mesmo desde o século XVIII.¹⁴⁸ Pela tarde de dia 4 de Maio, após a missa, o andor do padroeiro dos pescadores, previamente adornado de flores naturais, sai da Igreja Matriz

¹⁴⁵DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.83.

¹⁴⁶ Idem, p. 105.

¹⁴⁷DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.83.

¹⁴⁸ Idem, p. 84.

levada aos ombros dos pescadores membros da Irmandade do Senhor das Chagas, vestidos com opas vermelhas.¹⁴⁹

Nas ruas por onde a procissão passa, o chão está coberto de alecrim e rosmaninho, e nas varandas e janelas estão colocadas colchas. Durante o percurso, faz-se uma paragem no Largo do Município, para bênção da terra, onde a imagem é virada simbolicamente para a zona rural. A paragem da procissão em frente ao mar é no Largo da Marinha, onde se realiza um Sermão e a bênção ao mar e aos barcos enfeitados que, espalhados pela baía assistem e saúdam o Senhor, que abençoa a terra e o mar.¹⁵⁰

Após a bênção ouvem-se as sirenes das embarcações, significando a despedida ao seu patrono. No terminar da cerimónia, o Senhor regressa à Igreja Matriz, dando lugar a uma celebração religiosa, que antecede o retorno da imagem à Capela da Misericórdia.¹⁵¹

A imagem do Nosso Senhor Jesus das Chagas, tardo-gótica, feita em madeira, de grandes dimensões, representa Cristo morto na Cruz, com cabelos humanos e com um sendal de tecido ricamente bordado. O esplendor é barroco, assim como a Cruz a que está afixada. Aquando das procissões, o andor é ornamentado ricamente com flores.¹⁵²

A “tirada” é o peditório feito pelos proprietários dos barcos, industriais, comerciantes e é a principal fonte de receita das festas, assim como o pagamento de promessas “beija-pé”, cerimónia que ocorre durante as novenas.¹⁵³

Em relação à organização da festa, existem três instituições: a Igreja, que organiza as cerimónias religiosas, a procissão (juntamente com a Comissão de Festas), a novena e as missas celebradas nos dias festivos; a Câmara Municipal, que organiza o arraial, as actividades musicais, desportivas, o aluguer do espaço; a Comissão de Festas, composta por um juiz e uma juíza e os “festeiros” (em regra, pescadores), coordena toda a organização da festa. Muda anualmente, sendo costume o juiz e a juíza proporem os

¹⁴⁹BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro MAIO, p. 69.

¹⁵⁰ Idem, p. 70.

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵²DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.87.

¹⁵³ Idem, p.85.

seus sucessores, oriundos da classe piscatória, comprometendo-se a levarem a bom termo a realização das festas no ano seguinte.¹⁵⁴

A Festa do Senhor Jesus das Chagas inclui também uma feira, que decorre até dia 8 de Maio. O arraial, alegre e ruidoso¹⁵⁵, decorre na Avenida da Liberdade, com as usuais tendas de feirantes, barraquinhas de comida e vários divertimentos. Ao mesmo tempo também ocorrem eventos culturais e recreativos, como espectáculos de música, exposições e palestras.¹⁵⁶

8.2. Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo

Em Sesimbra, o Círio dos Pescadores, romaria de culto mariano, realiza-se durante os três dias do último fim-de-semana de Setembro, no Cabo Espichel. O Cabo Espichel comporta dois espaços de culto: o Santuário, onde se encontra a imagem de Nossa Senhora, e a Ermida da Memória, cujo interior é revestido de painéis de azulejo que descrevem a lenda da aparição da imagem e a edificação do templo actual.¹⁵⁷

A lenda conta que, no ano de 1410, um saloio de Alcabideche (aldeia na Serra de Sintra) observou sobre o Cabo Espichel, uma estrela muito brilhante. Nossa Senhora, durante um sonho, revelou este lugar e avisou-o que existia uma imagem numa lapa. Pediu-lhe para que os crentes lhe prestassem culto. Foi então que o saloio se pôs a caminho do Cabo Espichel, num Sábado ao amanhecer, conduzido pela mensagem de Nossa Senhora. Como o caminho era longo, foi na Caparica que pediu a uma mulher permissão para pernoitar na sua casa, acabando por lhe contar o sonho que teve. A mulher, muito impressionada e crente a Deus, decidiu partir antes dele, em busca da imagem. Quando ele acordou, não viu a mulher que prometeu ajudá-lo nos difíceis atalhos do seu caminho. Contudo, o homem partiu, em busca da sua ambição. Quando chegou, a mulher lá estava, prostrada em adoração à imagem da Virgem, igual à que viu no seu sonho.

Após as suas orações, ambos decidiram construir uma ermida de alecrim, erva abundante no local. De modo a conservar melhor a recordação do milagre, foi

¹⁵⁴ Idem, p. 84-85.

¹⁵⁵ MONTEIRO, Rafael, *A Festa das Chagas – os painéis de Nuno Gonçalves e outros temas*, Câmara Municipal de Sesimbra, 2002, p.79.

¹⁵⁶ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro MAIO, p. 72.

¹⁵⁷ BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 231.

construída uma ermida em alvenaria. A notícia espalhou-se pelas gentes da Caparica e de Alcabideche e dos termos de Lisboa, que logo se deslocaram em peregrinação.¹⁵⁸

Em 1672 foi instituída a Confraria de Nossa Senhora do Cabo, que se comprometeu que a organização da festa pressupunha o giro, ou seja, a rotação da imagem por algumas freguesias. Existiam duas imagens de Nossa Senhora do Cabo, uma permanecia sempre no Santuário, e a outra, uma cópia fiel, fazia o giro das freguesias.¹⁵⁹

Na Península de Setúbal, são as localidades de Sesimbra, Palmela e Azóia que têm Círios, dedicados a Nossa Senhora do Cabo. Realizam-se entre os meses de Abril e Novembro, sendo os três círios mais significativos o Círio da Azóia, que se realiza no terceiro Domingo a seguir à Páscoa, o Círio de Palmela que se realiza anualmente dia 15 de Agosto, e o Círio de Sesimbra que se efectua no último fim-de-semana de Setembro.¹⁶⁰

O Círio dos Pescadores de Sesimbra data de 1430, tem cerca de dois séculos. Ao contrário dos outros círios, este é organizado por um grupo profissional específico, sendo a comissão composta maioritariamente por pescadores.

Antigamente, durante os dias festivos, os romeiros mudavam-se para o Santuário, ocupando as casas que, até há cerca de vinte anos, estavam para isso destinadas. Os primeiros dias da festa têm carácter profano, com jogos, bailes e arraial. No Domingo as celebrações são religiosas, e é dedicado ao pagamento das promessas. A primeira cerimónia religiosa é a missa, seguindo-se da procissão.

O cortejo é aberto por dois escuteiros, seguindo-se os juízes da festa, como a Cruz de Cristo, duas lanternas e com a única bandeira da procissão. Atrás vem o pároco, seguido do andor, com a imagem da Senhora do Cabo, transportada apenas por homens.¹⁶¹ A imagem de Nossa Senhora, apresenta-se com o Menino no braço esquerdo, a cingi-lo ao peito, com a mão e o braço direito no gesto de segurar o manto, tendo sido trasladada para o santuário, em 1707.¹⁶²

¹⁵⁸DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.19.

¹⁵⁹ Idem, p. 20.

¹⁶⁰DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.22.

¹⁶¹ Idem, p. 24.

¹⁶²BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 232.

A banda que segue o andor vai marcando o ritmo. Romeiros e convidados fecham o cortejo. No trajecto da procissão, passam pela ermida, onde apareceu a imagem, segundo a lenda. É aí que cantam um hino ao Oceano e rezam uma Avé Maria.¹⁶³

Os festejos profanos começam no Sábado, em que se realizam jogos tradicionais, baile com conjuntos musicais, feirantes que vendem artesanato, petiscos, pão com chouriço, entre outros. No Domingo ao final da tarde, sucede-se o leilão das bandeiras, que durante o ano ficarão na casa de quem mais alto as licitou, entregando-as no ano seguinte para novo leilão.¹⁶⁴

9. Setúbal

9.1. Festa em Honra de Nossa Senhora da Arrábida

A festa dedicada a Nossa Senhora da Arrábida realiza-se no segundo ou terceiro fim-de-semana do mês de Julho, em Troino, tendo a duração de três dias. O culto a Nossa Senhora da Arrábida tem origem numa lenda, que conta que, no início do reinado de D. Afonso II (1211 – 1223), cerca do ano de 1215, uma nau vinda de Inglaterra com destino a Lisboa, ao anoitecer apanhou uma grande tempestade, perto da costa. A cada momento, o medo de tocar num baixio ou despenhar-se contra a costa aumentava, pois não conheciam bem e a escuridão não permitia reconhecer o local.

Hildebrandt, mercador que vinha numa nau, trazia consigo uma imagem de Nossa Senhora, pela qual tinha especial devoção, para o proteger dos grandes perigos nas suas viagens. Durante uma tempestade, não a encontrando no seu camarote, em aflição, ele e os seus companheiros começaram a orar, pedindo ajuda ao Senhor e à Sua Santíssima Mãe. Surgiu então uma grande luz no alto, que naquela noite de tempestade lhes iluminou a nau, em seguida os mares sossegaram, as ondas abrandaram e os ventos acalmaram, deixando a embarcação numa tranquila bonança. Como estavam perto da costa, lançaram a âncora e aí ficaram até ao amanhecer do dia, dando graças a Deus por tê-los livrado daquele grande perigo.

Na manhã seguinte, subiram ao lugar onde tinham visto a luz, e descobriram a Imagem da Rainha dos Anjos que o mercador trazia no seu camarote e havia desaparecido durante a tempestade. Ficaram admirados com tal maravilha e,

¹⁶³DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.24.

¹⁶⁴BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols, Livro SET/OUT, p. 235.

agradecidos à Senhora pelo benefício, deram graças a Deus e à sua Mãe Santíssima. Por ali ter sido encontrada, fez com que decidissem que a imagem deveria ser venerada naquele local. Hildebrandt tornou-se o eremita, permanecendo naquele lugar com alguns companheiros, onde foi edificada uma ermida. Mais tarde ergueu-se um Convento da Ordem de Santo Agostinho. Este lugar tornou-se um centro de peregrinação, com romarias provenientes de diversos lugares.

Frei Martinho de Santa Maria procurava um lugar isolado, onde pudesse dedicar-se a Deus. Foi-lhe então sugerida a Serra da Arrábida, tendo lhe sido entregue em 1539, a ermida fundada por Hildebrandt, onde se encontrava a imagem de Nossa Senhora dos Anjos da Arrábida. O religioso franciscano ficou lá sozinho, numa vida de penitência, guardando a imagem de Nossa Senhora.¹⁶⁵

Noutros tempos a festa tinha a duração de três a seis dias, sendo os grandes dias da romaria a Sexta-feira, o Sábado e o Domingo. Por tradição era na Sexta-feira que se dava início à animação da festa, em que as bandas musicais percorriam as ruas da região. A partida de barco era no Sábado, com destino ao Convento através do Portinho da Arrábida, onde havia baile toda noite. No domingo os romeiros concentravam-se no Convento para assistir às cerimónias religiosas. Segunda-feira era dia de arraial na praia e regressava-se a Setúbal em cortejo marítimo.

Actualmente, quem organiza as festas é uma comissão de laicos que colaboram com a igreja. Até inícios dos anos noventa, os festeiros transportavam a imagem da Igreja da Anunciada por terra, depois de obterem licença do Duque de Palmela para pernoitarem no convento e aí depositarem a imagem durante três dias e realizarem o arraial e a procissão no Domingo, dentro do recinto do convento. Hoje, o mesmo edifício tornou-se num centro de conferências, realizando-se a festa apenas no Domingo, composta por procissão, de modo a obedecer à tradição. No Largo da Palmeira, localizado no Bairro de Tróino, em Setúbal, realizam-se durante três dias espectáculos e divertimentos alusivos à festa, substituindo aqueles que se faziam durante três dias no espaço do convento.¹⁶⁶

¹⁶⁵DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.37 & 38.

¹⁶⁶ Idem, p. 40.

9.2. Festa do Senhor Jesus do Bonfim

A Festa em Honra ao Senhor Jesus do Bonfim realiza-se no primeiro fim-de-semana de Maio, em Fontainhas e Troino. A festa, promovida pelos homens do mar da cidade de Setúbal, comemora a data em que uma cópia da imagem do Senhor Jesus do Bonfim foi levada para o Brasil, para S. Salvador da Baía, pelo capitão de mar e de guerra, Teodósio Rodrigues de Faria, oriundo de Setúbal. A imagem ao ser levada para o Brasil permitiu o desenvolvimento do culto do Senhor do Bonfim, conhecido em todo o mundo.

No Sábado, realiza-se uma festa religiosa que se inicia de noite, com uma vigília no Largo de Jesus, em que participam todos os representantes de todos os marítimos do país. No Domingo, após a missa, dá-se início ao momento alto, a procissão com a imagem do Senhor do Bonfim e com outras imagens tradicionalmente ligadas à devoção dos marítimos, como a de Nossa Senhora da Arrábida e de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, evocação da Virgem Maria, protectora de duas antigas comunidades de pescadores de Setúbal, Fontainhas e Troino. A procissão, acompanhada ao som de diversas fanfarras, sai da Igreja de Jesus, e dirige-se ao cais para abençoar as actividades marítimas e os pescadores, momento que culmina com os pescadores a lançarem centenas de flores ao rio. De seguida, regressa à Igreja de Jesus.¹⁶⁷

O culto do Senhor Jesus do Bonfim está na origem do homónimo Santuário existente em S. Salvador da Baía, no Brasil, exemplo excepcional de sincretismo religioso.¹⁶⁸ A Capela do Bonfim é um precioso exemplo de ornamentação barroca, com azulejos, talha e pintura dos séculos XVII E XVIII. No centro do altar-mor venera-se a imagem do Senhor do Bonfim, um Cristo crucificado barroco, de tamanho natural.¹⁶⁹

9.3. Festa de S. Luís da Serra

Em homenagem a S. Luís da Serra, padroeiro dos gados, a festa realiza-se em finais de Abril, no Domingo de Pascoela e na Segunda-feira seguinte, em S. Luís da Serra, na Estrada das Necessidades, com a duração de dois dias.

¹⁶⁷DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.88.

¹⁶⁸ Idem, p. 90.

¹⁶⁹ Ibidem.

O interior do maciço da Arrábida foi, durante séculos, um local inacessível ao homem. Devido aos solos férteis, estabeleceram-se várias comunidades agrícolas, nas orlas deste maciço montanhoso.

No interior da Arrábida foram-se estabelecendo religiosos eremitas que ali procuravam a solidão e uma aproximação a Deus, assim como pastores que na busca de pastos para os seus rebanhos percorriam todos os cantos da Arrábida. Conventos, ermidas, redis e pequenos plainos para os gados eram os únicos vestígios da presença humana na solidão daquelas serras.

Enquanto o Convento dos Franciscanos da Arrábida se tornara lugar de peregrinação dos homens do mar, significando o momento em que se pedia protecção à Senhora da Arrábida, a ermida que se situava no sopé da Serra de S. Luís, tornou-se o local de culto dos pastores. Foi no século XVII, que viveu nesta Ermida de S. Luís da Serra um religioso, que mais tarde foi aí sepultado. Situada no caminho entre Setúbal e Azeitão, era muito provável que os pastores lá parassem para pedirem protecção para os seus gados, e que não faltassem pastos, principalmente durante o Verão quente e seco.¹⁷⁰

Foi por esta razão que se deu início à romaria a S. Luís, aquando do ciclo do Verão. Na ermida juntavam-se pastores do vale do Sado, que pediam também a protecção dos seus rebanhos, tradição que ainda se mantém.

O programa da festa, no início dos anos vinte, incluía diversos divertimentos para os romeiros, como bailaricos, cavalhadas, música, fogo-de-artifício, acompanhados de pela Filarmónica da Capricho Setubalense. Actualmente, pela mesma altura, à volta da capelinha, as famílias repetem o ritual, numa festa que tem arraial, danças folclóricas, jogos tradicionais e quermesse.

São os foguetes que, pela manhã, anunciam o início da festa, que se desenvolve durante dois dias, em honra do Santo. Por ser uma festa religiosa, celebra-se uma missa, fazem-se orações, e colocam-se na pequena ermida, imagens de cera, resultantes de várias promessas. A ermida apresenta um aspecto particular importante para os pescadores, que é o facto da sua torre do sino ser visível do mar, levando os pescadores a pedirem também protecção a S. Luís.¹⁷¹

¹⁷⁰DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.93.

¹⁷¹DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997, p.94.

Capítulo III - Elaboração do guia online

1. Síntese de Conteúdos

Na Península de Setúbal o calendário festivo aumenta o seu ritmo no mês de Abril e abranda em Novembro. Fazendo uma análise generalizada das festas que acontecem na zona da Península de Setúbal, é possível concluir que nem todas as festas apresentam as mesmas características.

As festas presentes no Capítulo II podem apresentar círio e/ou romaria. As duas formas de culto estão presentes na Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete, na Festa de Nossa Senhora da Atalaia e na Festa em Honra de S. Pedro no Montijo. A Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo apresenta vários círios, sendo um deles, o Círio dos Pescadores de Sesimbra. Quanto à romaria, está presente na Festa em Honra de S. João da Ramalha em Almada, na Festa do Senhor Jesus dos Aflitos, na Festa da Escudeira, na Festa em Honra de Nossa Senhora da Arrábida e na Festa de S. Luís da Serra.

As festas na Península de Setúbal prestam culto aos padroeiros das regiões, a Virgem Maria, a Cristo, aos Santos Populares, assim como à Vindima e ao Touro. As festas, sendo essencialmente de devoção, apresentam celebrações de carácter religioso, como missas solenes e procissões que percorrem as ruas das localidades. Em relação ao factor histórico, muitas festas tiveram a sua origem devido à ocorrência de milagres, como tempestades que amainaram após promessas ou apenas por exposição da imagem junto da adversidade. Muitas das celebrações festivas estão ligadas à actividade piscatória, nas quais se pedia à figura devota, a protecção dos pescadores durante a faina.

A homenagem ao touro, como figura principal da festa, está presente na Festa Brava, como se verifica nas Festas do Barrete Verde e das Salinas e na Feira Taurina das Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Dada a importância do vinho produzido na região da Península de Setúbal realiza-se, anualmente, a Festa das Vindimas, que promove esta importante actividade agrícola.

A organização das celebrações cabe, normalmente, a Comissões de Festas, às Câmaras Municipais, às Juntas de Freguesia, a Irmandades ou Confrarias. Para que as festas se possam realizar é necessária uma angariação de fundos, feita maioritariamente

através de peditórios. Algumas são suportadas pelos lucros do ano anterior, outras pela arrematação de bandeiras, sendo esta uma forma comum de adquirir orçamento para a festa do ano seguinte.

Apesar de terem origem religiosa e sendo essencialmente festividades de devoção, as festas também são manifestações de lazer, podendo conter na sua programação feiras, espectáculos, eventos desportivos, exposições, divertimentos e fogo-de-artifício.

2. Roteiro Online

Na concretização do presente trabalho, propus a elaboração de uma página na Internet com alguma informação referente ao tema central – as festas na Península de Setúbal – obtida através da sua realização.

O roteiro online tem como objectivo a divulgação da informação analisada, de uma forma detalhada, exposta de forma prática e acessível, destinada a quem pretenda aprofundar mais conhecimentos sobre as festas, assim como a pessoas que visitam os locais, turistas interessados em saber mais, ou até mesmo visitar, conhecer e usufruir das festas na Península de Setúbal.

A importância turística das festas, anteriormente referida neste trabalho, foi um motivo/factor impulsionador para a realização do roteiro online. Deste modo, qualquer turista que tenha acesso à Internet, quer seja através de um computador ou *smartphone*, pode consultar informações sobre as festas – quando e onde ocorrem, quanto tempo duram, aspectos históricos importantes, descrição das celebrações, entre outras informações.

O roteiro online foi construído através do <https://pt.wix.com/>, onde foi possível criar o meu próprio *site*, sobre os assuntos tratados neste trabalho de projecto, de forma a cumprir o objectivo de o criar, como também poder utilizá-lo como ferramenta de divulgação da informação obtida na realização deste trabalho, mais especificamente do capítulo II.

Relativamente à estruturação da informação exposta no roteiro online, as festas foram organizadas geograficamente. A página principal do *site* é composta pelo tema do trabalho, com fotos das variadas festas como fundo.

Do lado esquerdo, ao clicar em “Festas por Região” estão descritas as nove regiões que constituem a Península de Setúbal. Clicando nas regiões, é possível ver as

festas existentes, assim como ver a sua informação. Na “Galeria de Imagens” estão fotos das festividades nas diversas regiões, retiradas da Internet. Em “Sobre mim” escrevi um texto pessoal sobre o meu trabalho de projecto, assim como o meu contacto de e-mail.

Na “Bibliografia”, estão descritos os livros utilizados na elaboração deste trabalho, que possibilitaram a construção do *site*, facultando a informação nele exposta. Em anexo, é possível verificar um pouco do que foi exposto no *site*, através de imagens. Segue o link para aceder ao roteiro online:

<https://anacarolinamacedo2.wixsite.com/guiasetubal>

Em anexo, é possível visualizar imagens retiradas do *site*, com a informação nele exposta, assim como fotografias das festividades na Península de Setúbal.

Conclusão

Após todos estes meses de leitura, pesquisa, investigação, reflexão, e mesmo algumas interrupções, assim como o ano que correspondeu à parte lectiva do mestrado em Práticas Culturais para Municípios, conclui-se que o trabalho desenvolvido foi importante para o enriquecimento intelectual e para o crescimento a nível pessoal, despoletando, assim, novas capacidades cognitivas necessárias à elaboração de um trabalho de projecto.

A escolha do estudo sobre as festas que ocorrem na Península de Setúbal deve-se, de certa forma, pela afectividade em relação à região, ao gosto e à familiaridade que a zona eleita representa.

Numa actualidade em que o sector do turismo em Portugal está em constante desenvolvimento, é de salientar a importância das festas para o turismo local das regiões que fazem parte da Península de Setúbal, neste caso, e de que forma podem desenvolver a sua localidade.

Ao elaborar um guia sobre as festas na Península de Setúbal, em forma de *site*, objectivamente pretende-se projectar e facilitar a divulgação da informação sobre as festas, de maneira a que “cheguem” aos turistas, assim como também a pessoas que tenham interesse, e que pretendam apenas aumentar o conhecimento sobre as festividades que acontecem. Este guia tem como finalidade ceder informação, de modo a que as pessoas se interessem, e sintam necessidade de visitar e assistir às celebrações festivas das regiões. Portanto, torna-se importante salientar o papel das festas para o espaço onde ocorrem, para o seu desenvolvimento e enriquecimento.

Bibliografia

- BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, 8 vols
- CUNHA, Licínio, *Introdução ao Turismo*, Lisboa, Verbo, 2009
- DIAS, Mário Balseiro, *Círio dos Marítimos de Alcochete*, Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete, 2002
- DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J., *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*, Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, 1997
- LANDEIRO, José Manuel, *No rolar dos anos (As Festas de S.Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega – Montijo)*, Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952.
- MARQUES, Luís, *Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado – Os círios do santuário da Atalaia*, Lisboa, Assírio& Alvim, 2006.
- MONTEIRO, Rafael, *A Festa das Chagas – os painéis de Nuno Gonçalves e outros temas*, Câmara Municipal de Sesimbra, 2002
- PINHO, Jaime; SILVA, Carlos da; GONÇALVES, Fernanda, *Entre Urzes e Camarinhas – as Festas da Arrábida e de Tróia*”, Setúbal, Flamingo Rosa, 1992
- SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de um Povo – as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 1992
- *Lendas e outras tradições de Almada*, Câmara Municipal de Almada, 2007
- *Guia das mais famosas Festas e Romarias de Portugal - Uma Viagem Completa às nossas Tradições*, Atlântico Press, 2012
- *Retrato em Movimento do Concelho da Moita*, Câmara Municipal da Moita, 2004.

Sítios da Internet

- Câmaras municipais

- <https://www.festadasvindimas.pt/historia/> consultado em Agosto de 2017
- http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/792?news_id=5823 consultado em Agosto de 2017

- https://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=4218consultado em Agosto de 2017
- <http://www.quintadaescudeira.pt/festa-nossa-senhora-da-escudeira/>consultado em Agosto de 2017
- https://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=4218consultado em Agosto de 2017
- <https://www.festadasvindimas.pt/historia/> consultado em Agosto de 2017
- <http://www.cm-seixal.pt/patrimonio/igrejas-matrizes> consultado em Agosto de 2017

- Outros

- <https://www.anafresetubal.com/atividades/128-festas-populares-de-amora-encerram-com-espetaculo-pirotecnico> consultado em Agosto de 2017
- http://www.diocesetubal.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=117_1 consultado em Agosto de 2017
- https://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=4218consultado em Agosto de 2017

Anexos

Anexo I – Síntese das Festa na Península de Setúbal

1. Alcochete

1.1. Festa do Barrete Verde e das Salinas

Data e Local

- Realiza-se no segundo fim-de-semana de Agosto

Duração

- 7 dias

Homenagem/Culto

- Festa Brava
- Nossa Senhora da Vida

Celebrações/Componentes da Festa

- Arraiais, concertos musicais, bailaricos
- Iniciativas culturais e desportivas – torneios e exposições
- Feira Taurina, largadas e esperas de touros
- Missa e procissão
- Sardinhada
- Desfile
- Feira Taurina – Esperas e Largadas de touros

1.2. Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete

Data e Local

- Realiza-se desde Sábado de Aleluia até Terça-feira a seguir ao Domingo de Páscoa

Duração

- 4 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano

- Nossa Senhora da Atalaia

Celebrações/Componentes da Festa

- Círio dos Marítimos de Alcochete
- Romaria
- Missa e Procissão
- Arrematação das bandeiras
- Desfile
- Chininá
- Baile e arraial
- Ritual da “lavagem da cara” na Fonte Santa

2. Almada

2.1. Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso

Data e Local

- Realiza-se no dia 1 de Novembro, em Cacilhas

Duração

- 1 dia

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora do Bom Sucesso

Celebrações/Componentes da Festa

- Procissão a 1 de Novembro
- Origem após o terramoto de 1755

2.2. Festa e Romaria em Honra de S. João da Ramalha

Data e Local

- Realiza-se de 23 a 24 de Junho

Duração

- 2 dias

Homenagem/Culto

- Santos Populares
- S. João é o santo da devoção da cidade de Almada.

Celebrações/Componentes da Festa

- Arraiais, marchas populares, merendas, fogo-de-artifício
- Vigília e Missa
- Procissão de S. João Batista

3. Barreiro

3.1. Festa a Nossa Senhora do Rosário

Data e Local

- Realiza-se no dia 15 de Agosto (Feriado Municipal)

Duração

- Dez dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora do Rosário – Padroeira da cidade

Celebrações/Componentes da Festa

- “Festas do Barreiro”
- Procissão Religiosa
- Arraiais, Música e Bailaricos
- Exposições na escola Alfredo da Silva
- Artesanato, Desporto, Tasquinhas, Divertimentos, Feirantes

4. Moita

4.1. Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem

Data e Local

- Realiza-se no primeiro fim-de-semana de Setembro, antes do dia 8

Duração

- 10 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano e Festa Brava

Celebrações/Componentes da Festa

- Largada e corridas de touros
- Missa solene
- Procissão
- Missas diárias
- Bifanas, entremeadas ou couratos no pão, tornam-se um ritual gastronómico
- Tarde do Fogareiro
- Concertos, espectáculos e bailes
- Espectáculo de fogo-de-artifício
- Feira Taurina
- Festival de Folclore, provas desportivas, torneios

4.2. Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos de Alhos Vedros

Data e Local

- Realiza-se no Domingo mais próximo do dia 2 de Agosto (dia oficial da comemoração de Nossa Senhora dos Anjos), em Alhos Vedros

Duração

- 5 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora dos Anjos

Celebrações/Componentes da Festa

- Procissão

- Espectáculos
- Gastronomia
- Divertimentos

5. Montijo

5.1. Festa de Nossa Senhora da Atalaia

Data e Local

- Realiza-se no último fim-de-semana de Agosto, entre a última Sexta e a Segunda-feira seguinte, na Atalaia.

Duração

- 4 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora da Atalaia

Celebrações/Componentes da Festa

- “Festa Grande”
- Romaria à Atalaia
- Círios: o Círio da Carregueira, o Círio da Quinta do Anjo e o Círio dos Olhos de Água (todos de Palmela), o Círio Novo e o Círio da Azóia (em Sesimbra).
- Arraial, bailaricos feira, divertimentos, venda de comida
- Deslocação à “Fonte Santa” para a “lavagem da cara”
- Romagem dos círios – Cerimónia do cortejo dos círios
- Foguetes, música
- Missas
- Procissão
- Arrematação de bandeiras
- Feira, diversões e barracas de petiscos

5.2. Festa de Nossa Senhora da Oliveira

Data e Local

- Realiza-se no último fim-de-semana de Agosto, decorre entre Sexta-feira e Domingo, em Canha

Duração

- 3 Dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora da Oliveira

Celebrações/Componentes da Festa

- Largada de touros
- Arraial, bandas musicais, bailes e charangas
- Sardinhada com pão e vinho da região
- Missa solene
- Procissão
- Festa de grande convívio, em que cada um partilha o seu fogareiro com o visitante e com o vizinho.

5.3. Festa em Honra de S. Pedro

Data e Local

- Realiza-se de 29 de Junho (Feriado Municipal) a 30 de Junho, no Bairro dos Pescadores

Duração

- 5/6 dias

Homenagem/Culto

- Santos Populares
- S. Pedro

Celebrações/Componentes da Festa

- Ritual festivo “queima do batel”
- Missa solene com sermão e procissão de S. Pedro

- Romagem ao cemitério em honra dos pescadores falecidos
- Romaria ou “marcha dos pescadores”, juntamente com o povo, à “lavagem” na Quinta do Saldanha.
- Arrematação das bandeiras
- Círio dos Pescadores
- Almoço-convívio anual, dois concursos, o de montras e da janela melhor enfeitada, desde que situada no percurso da largada de touros, no Bairro dos Pescadores.
- Tourada e largadas
- Marchas Populares
- Feira e arraial no recinto, com diversões, concertos musicais, fogo-de-artifício, quermesse e tómbola

5.4. Festa do Senhor Jesus dos Aflitos

Data e Local

- Realiza-se no dia 30 de Junho (dia de S. Marçal)

Duração

- 1 dia

Homenagem/Culto

- Santos Populares
- Senhor Jesus dos Aflitos

Celebrações/Componentes da Festa

- Procissão
- Romaria
- Ritual da lavagem
- Arrematação das bandeiras
- Almoço entre todos os pescadores da região

6. Palmela

6.1. Festa da Escudeira

Data e Local

- Realiza-se no mês de Agosto, entre S. Paulo e a Serra do Louro, mais especificamente na Serra dos Barris, na Quinta da Escudeira em Vale Barris

Duração

- 4 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Assunção de Nossa Senhora

Celebrações/Componentes da Festa

- Romaria religiosa
- Festejo popular – bailes e arraial
- Fogo-de-artifício
- Bailes populares
- Quermesses
- Ranchos folclóricos
- Tiro aos pratos
- “Vacada”
- Procissão e missa
- Arrematação e fogaças

6.2. Festa das Vindimas

Data e Local

- Realiza-se anualmente, desde a Quinta-feira anterior ao primeiro Domingo do mês de Setembro até à Terça-feira seguinte, na Vila de Palmela

Duração

- 6 dias

Homenagem/Culto

- As Festas das Vindimas
- Promoção do vinho da região da Península de Setúbal

Celebrações/Componentes da Festa

- Espectáculos e animação, provas de vinhos, exposições, eventos desportivos, as tradicionais celebrações do cortejo alegórico, largadas de touros
- Existem três grandes momentos: a Pisa e Bênção do Primeiro Mosto, o Cortejo Alegórico, e a Eleição da Rainha
- Feira, arraial, música nas ruas, cortejos
- Feira Popular com carrosséis, vendedores de rua, concertos de artistas portugueses e estrangeiros, festivais de folclore,
- O “simulacro do fogo no castelo” - magnífica sessão de fogo-de-artifício que encerra as festividades

7. Seixal

7.1.Festa de Nossa Senhora da Anunciada do Monte Sião

Data e Local

- Realiza-se no mês de Agosto, na frente ribeirinha da Amora

Duração

- 5 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora da Anunciada

Celebrações/Componentes da Festa

- “Festas da Amora”
- Procissão – na tarde de 15 de Agosto
- Concertos musicais
- Arraial, feirantes e comerciantes, petiscos, doces, artesanato, divertimentos e carrosséis

7.2. Festa de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela

Data e Local

- Realiza-se no dia 1 de Novembro, dia de Todos os Santos, na Arrentela

Duração

- 1 dia

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora da Soledade

Celebrações/Componentes da Festa

- Procissão dia 1 de Novembro
- Sermão

7.3. Festas em Honra de S. Pedro

Data e Local

- Realiza-se no último fim-de-semana de Junho, no Seixal

Duração

- 3 dias

Homenagem/Culto

- Santos Populares
- S. Pedro

Celebrações/Componentes da Festa

- Procissão marítima
- Música, arraiais, bailes
- Exposições

8. Sesimbra

8.1. Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas

Data e Local

- Realiza-se dia 4 de Maio (Feriado Municipal), na Vila de Sesimbra

Duração

- 1 dia

Homenagem/Culto

- Festas a Cristo
- Senhor Jesus das Chagas

Celebrações/Componentes da Festa

- Procissão
- Sermão e a bênção ao mar e às embarcações
- Feira, que decorre ate dia 8 de Maio
- Arraial, tendas de feirantes, de comida e vários divertimentos
- Eventos culturais e recreativos, como espectáculos de música, exposições e palestras, actividades desportivas

8.2. Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo

Data e Local

- Realiza-se durante os três dias do último fim-de-semana de Setembro, no Cabo Espichel

Duração

- 3 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora do Cabo

Celebrações/Componentes da Festa

- Círio dos Pescadores de Sesimbra
- Missa, seguindo-se da procissão

- Jogos tradicionais, baile com conjuntos musicais, feirantes que vendem artesanato, petiscos, pão com chouriço
- Feira

9. Setúbal

9.1. Festa em Honra de Nossa Senhora da Arrábida

Data e Local

- Realiza-se no segundo ou terceiro fim-de-semana do mês de Julho, em Troino

Duração

- 3 dias

Homenagem/Culto

- Culto Mariano
- Nossa Senhora da Arrábida

Celebrações/Componentes da Festa

- Romaria
- Arraial
- Procissão
- Animação, bandas musicais
- Divertimentos

9.2. Festa do Senhor Jesus do Bonfim

Data e Local

- Realiza-se no primeiro fim-de-semana de Maio, em Fontainhas e Troino

Duração

- 3 dias

Homenagem/Culto

- Festas a Cristo
- Senhor Jesus do Bonfim

Celebrações/Componentes da Festa

- Vigília
- Missa
- Procissão

9.3.Festa de S. Luís da Serra

Data e Local

- Realiza-se em finais de Abril, no Domingo de Pascoela e na Segunda-feira seguinte, em S. Luís da Serra, na Estrada das Necessidades

Duração

- 2 dias

Homenagem/Culto

- Festas a Cristo
- S. Luís da Serra – padroeiro dos gados

Celebrações/Componentes da Festa

- Romaria a S. Luís da Serra
- Missa
- Bailaricos, cavalhadas, música, fogo-de-artifício, ao som da Filarmónica da Capricho Setubalense
- Arraial, danças folclóricas, jogos tradicionais e quermesse

Anexo II - Listagem das festas na Península de Setúbal por Culto

Culto Mariano

- Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo Espichel
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Luz em Sesimbra
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Conceição em Alfarim
- Festa de Nossa Senhora da Arrábida em Setúbal
- Festas da Arrábida e Azeitão em Vila Nogueira de Azeitão
- Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia
- Festas de Nossa Senhora da Saúde em Vila Fresca de Azeitão
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela
- Festa em Honra de Nossa Senhora do Monte Sião na Amora
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Boa Hora em Fernão Ferro
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Anunciada na Aldeia de Paio Pires
- Festa da Escudeira em Palmela
- Festa de Nossa Senhora da Atalaia no Montijo
- Festas de Nossa Senhora da Oliveira em Canha
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem na Moita
- Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos em Alhos Vedros
- Festas em Honra de Nossa Senhora do Rosário em Gaio-Rosário
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Graça em Sarilhos Pequenos
- Festa a Nossa Senhora do Rosário no Barreiro
- Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso em Cacilhas
- Festa de Todos os Santos na Quinta do Anjo
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Piedade em Almada
- Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete ou Festa da Páscoa
- Festas Populares de Samouco em Honra de Nossa Senhora do Carmo

Festas a Cristo

- Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas em Sesimbra
- Festa de São Luís da Serra em Setúbal
- Festa do Senhor Jesus do Bonfim em Setúbal

Santos Populares

- Santos Populares em Sesimbra
- Festa em Honra de São Pedro no Seixal
- Festas Populares de Pinhal Novo
- Festa em Honra de São Pedro no Montijo
- Festa do Senhor Jesus dos Aflitos no Montijo
- Festas em Honra de São Jorge em Sarilhos Grandes no Montijo
- Festas em Honra de São João no Montijo
- Festa em Honra de São João da Ramalha em Almada
- Marchas Populares (Festejos de São João) em Cacilhas
- Concurso de Quadras Populares em Almada
- Marchas das Escolas e das Instituições de Infância em Almada
- Arraiais Populares em Almada e Cacilhas

Outros Santos

- Festas em Honra de Santo Isidro no Montijo
- Festas Multiculturais em Honra de São João Batista no Vale da Amoreira
- Festas em Honra de São José Operário na Baixa da Banheira
- Festas em Honra de São João Batista em Alcochete

Festa Brava

- Festas do Barrete Verde e das Salinas em Alcochete
- Feira Taurina das Festas da Nossa Senhora da Boa Viagem na Moita

As Festas das Vindimas

- Festa das Vindimas em Palmela
- Festas das Vindimas em Foros de Trapo no Montijo

Carnaval

- Carnaval de Sesimbra

Feiras

- Feira de Santiago em Setúbal
- Feira Medieval em Palmela
- Feira de Antiguidades e Velharias no Montijo
- Feira Nacional do Porco e da Salsicharia no Montijo
- Feira de Projectos Educativos na Moita
- Feira de Maio e da vaca frísia na Moita
- Automobília Ibérica da Moita
- Peças d'Arte – Feira de Antiguidades, Velharias e Artesanato na Moita
- FECCI- Feira Comercial e Industrial na Moita
- Abra a Bagageira na Moita
- Artes e Talentos – Feira de Artesanato na Moita
- Feira BARRIND no Barreiro
- Feira do Cavalo em Alcochete

Mercados

- Mercado de Azeitão
- Mercado Caramelo no Pinhal Novo
- Mercado do Pinhal Novo
- Mercado da Atalaia no Montijo
- Mercado do Montijo
- Mercado Afonseiro no Montijo
- Mercado Mensal da Moita
- Mercado Semanal da Moita
- Mercado de Coia

Festivais

- Festival do Queijo, Pão e Vinho em Cabanas, Palmela
- Festival do Moscatel de Setúbal em Palmela
- FIAR- Festival Internacional de Artes de Rua em Palmela
- FISP- Festival Internacional de Saxofones de Palmela
- Festival de Almada

Regionais

- Festas Populares de Corroios
- Queima do Judas em Palmela
- Comemorações Dia da Cidade no Barreiro
- Dia Nacional dos Moinhos no Barreiro
- Dia Internacional dos Museus no Barreiro
- Dia Mundial do Turismo no Barreiro

Artes e Gastronomia

- Festanima em Setúbal
- São Simão em Festa em Vendas de Azeitão
- São Julião em Festa
- Festas do Moinho de Maré da Mourisca em Setúbal
- Festa do Teatro em Setúbal
- Mostra de Vinhos em Fernando Pó em Palmela
- Sinfonia de Palmela
- Palmela Wine Jazz
- Ritual Almenara em Palmela
- Biofeira na Moita
- Concurso de Gastronomia Ribeirinha no Barreiro
- Mostra de Doçaria no Barreiro
- Festa no Solar – Saberes, Sabores e Memórias na Sobreda

De Carácter Lúdico

- Romaria a cavalo da Moita a Viana do Alentejo
- Festa na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea em Almada

Anexo IV - Listagem das festas na Península de Setúbal por Região

Sesimbra

- Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas
- Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo Espichel
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Luz
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Conceição
- Carnaval
- Santos Populares

Setúbal

- Festa de São Luís da Serra
- Festa do Senhor Jesus do Bonfim
- Festa de Nossa Senhora da Arrábida
- Festas da Arrábida e de Azeitão
- Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia
- Feira de Santiago
- Festanima
- São Simão em Festa
- São Julião em Festa
- Setfesta
- Festas de Nossa Senhora da Saúde em Vila Fresca de Azeitão
- Festas do Moinho de Maré e da Mourisca
- Festa do Teatro
- Mercado de Azeitão

Seixal

- Festa em Honra de São Pedro
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela

- Festa em Honra de Nossa Senhora de Monte Sião na Amora
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Boa Hora em Fernão Ferro
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Anunciada na Aldeia de Paio Pires
- Festas Populares de Corroios

Palmela

- Festa da Escudeira
- Festa das Vindimas
- Festas Populares de Pinhal Novo
- Queima do Judas
- Festas de todos os Santos na Quinta do Anjo
- Festival do Queijo, Pão e Vinho
- Festival do Moscatel de Setúbal
- Mostra de Vinhos em Fernando Pó
- Mercado Caramelo no Pinhal Novo
- Sinfonia de Palmela
- Palmela Wine Jazz
- Ritual Almenara
- Feira Medieval em Palmela
- FIAR- Festival Internacional de Artes de Rua
- FISP- Festival Internacional de Saxofones de Palmela
- Mercado do Pinhal Novo

Montijo

- Festa de Nossa Senhora da Atalaia
- Festas de Nossa Senhora da Oliveira em Canha
- Festa em Honra de São Pedro
- Festa do Senhor Jesus dos Aflitos
- Festas em Honra de São Jorge em Sarilhos Grandes
- Festas em Honra de Santo Isidro

- Festas em Honra de São João
- Festas das Vindimas em Foros de Trapo
- Feira de Antiguidades e Velharias
- Feira Nacional do Porco e da Salsicharia
- Mercado da Atalaia
- Mercado do Montijo
- Mercado Afonseiro

Moita

- Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem
- Festa Taurina das Festas da Nossa Senhora da Boa Viagem
- Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos em Alhos Vedros
- Romaria a cavalo da Moita a Viana do Alentejo
- Festas Multiculturais em Honra de São João Batista no Vale da Amoreira
- Festas em Honra de São José Operário na Baixa da Banheira
- Festas em Honra de Nossa Senhora do Rosário em Gaio-Rosário
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Graça em Sarilhos Pequenos
- Automobilia Ibérica da Moita
- Feira de Projectos Educativos
- Feira de Maio e da vaca frísia
- Mercado Mensal
- Mercado Semanal
- Peças d'Arte – Feira de Antiguidades, Velharias e Artesanato
- FECCI- Feira Comercial e Industrial
- Abra a Bagageira
- Artes e Talentos – Feira de Artesanato
- Biofeira

Barreiro

- Festa a Nossa Senhora do Rosário

- Comemorações Dia da Cidade
- Dia Nacional dos Moinhos
- Dia Internacional dos Museus
- Dia Mundial do Turismo
- Concurso de Gastronomia Ribeirinha
- Mostra de Doçaria
- Feira BARRIND
- Mercado de Coina

Almada

- Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso em Cacilhas
- Festa em Honra de São João da Ramalha
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Piedade
- Marchas Populares (Festejos de São João) em Cacilhas
- Concurso de Quadras Populares
- Marchas das Escolas e das Instituições de Infância
- Arraiais Populares em Almada e Cacilhas
- Festa na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
- Festa no Solar – Saberes, Sabores e Memórias na Sobreda
- Festival de Almada

Alcochete

- Festas do Barrete Verde e das Salinas
- Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete ou Festa da Páscoa
- Festas Populares de Samouco em Honra de Nossa Senhora do Carmo
- Festas em Honra de São João Batista
- Feira do Cavalo

Anexo V – Datação das festas na Península de Setúbal

Sesimbra

- Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas – De 3 a 5 de Maio
- Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo Espichel – No terceiro Domingo a seguir à Páscoa
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Luz – No segundo Domingo de Setembro
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Conceição – A 26 de Dezembro
- Carnaval
- Festas dos Santos Populares, São João, São Pedro e São Marçal e Marchas Populares – De 23 a 30 de Junho
- Círio de Sesimbra – No último fim-de-semana de Setembro
- Festas de Santiago – A 25 de Julho
- Feira das Festas do Senhor Jesus das Chagas – Na primeira semana de Maio
- Feira da Quinta do Conde – Na segunda semana de Junho
- Zimbramel no Cabo Espichel- No último fim-de-semana de Agosto

Setúbal

- Festa de São Luís da Serra – No Domingo de Pascoela e a Segunda-feira seguinte
- Festa do Senhor Jesus do Bonfim
- Festa de Nossa Senhora da Arrábida (Círio) – Na primeira quinzena de Agosto
- Festas da Arrábida e de Azeitão
- Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia (Círio) - Normalmente no primeiro fim-de-semana de Agosto, ou próximo desta data, consoante as marés
- Feira de Santiago – No último Sábado durante duas semanas de Julho
- Festanima
- São Simão em Festa
- São Julião em Festa
- Setfesta

- Festas de Nossa Senhora da Saúde em Vila Fresca de Azeitão – No primeiro fim-de-semana de Setembro
- Festas do Moinho de Maré e da Mourisca
- Festa do Teatro
- Mercado de Azeitão – No primeiro Domingo de cada mês
- São Pedro do Alcube – A 29 de Junho
- Festas dos Santos Populares e Marchas Populares – De 23 a 30 de Junho
- Festas Bocageanas

Seixal

- Festa em Honra de São Pedro – A 29 de Junho (Procissão)
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela – A 1 de Novembro
- Festa em Honra de Nossa Senhora de Monte Sião na Amora – a 15 de Agosto
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Boa Hora em Fernão Ferro – No último Domingo de Julho
- Festa em Honra de Nossa Senhora da Anunciada na Aldeia de Paio Pires – No primeiro Domingo de Agosto
- Festas Populares de Corroios – No terceiro fim-de-semana de Agosto
- Nossa Senhora da Paz em Casal do Marco – No último fim-de-semana de Maio
- Festas da Torre da Marinha – No segundo fim-de-semana de Julho
- Festa do Avante na Amora – No primeiro fim-de-semana de Setembro

Palmela

- Festa da Escudeira – A 15 de Agosto
- Festa das Vindimas – No primeiro fim-de-semana de Setembro
- Festas Populares de Pinhal Novo
- Queima do Judas
- Festas de todos os Santos na Quinta do Anjo – A 1 de Novembro
- Festival do Queijo, Pão e Vinho
- Festival do Moscatel de Setúbal
- Mostra de Vinhos em Fernando Pó

- Mercado Caramelo no Pinhal Novo
- Sinfonia de Palmela
- Palmela Wine Jazz
- Ritual Almenara
- Feira Medieval em Palmela
- FIAR- Festival Internacional de Artes de Rua
- FISP- Festival Internacional de Saxofones de Palmela
- Mercado do Pinhal Novo – No segundo Domingo de cada mês
- Círio de Palmela a Nossa Senhora do Cabo Espichel – A 15 de Agosto
- Feira da Festa das Vindimas – No primeiro fim-de-semana de Setembro
- Feira de Maio do Pinhal Novo – No segundo Domingo de Maio
- Feira do Queijo de Azeitão na Quinta do Anjo - No segundo fim-de-semana de Abril

Montijo

- Festa de Nossa Senhora da Atalaia – Círio dos Marítimos – No fim-de-semana da Páscoa, os restantes Círios no último fim-de-semana de Agosto
- Festas de Nossa Senhora da Oliveira em Canha – No último fim-de-semana de Agosto
- Festa em Honra de São Pedro – No dia 29 de Junho
- Festa do Senhor Jesus dos Aflitos – No dia 30 de Junho
- Festas em Honra de São Jorge em Sarilhos Grandes
- Festas em Honra de Santo Isidro
- Festas em Honra de São João
- Festas das Vindimas em Foros de Trapo, Lagoinha, Faia e Fernão Pó – Em Setembro
- Feira de Antiguidades e Velharias
- Feira Nacional do Porco e da Salsicharia – No último fim-de-semana de Setembro
- Mercado da Atalaia – No primeiro Sábado de cada mês (só para feirantes do concelho)

- Mercado do Montijo – No segundo Sábado de cada mês
- Mercado Afonsoeiro – No primeiro e no terceiro Domingo de cada mês (só para feirantes do concelho)
- S. João das Craveiras – a 24 de Junho, em Pegões
- Festa das Taipadas em Canha – Em Junho
- Festas Populares do Afonsoeiro – Em Agosto
- Feira das Festas de São Pedro – Coincide com as festividades de São Pedro

Moita

- Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem – No primeiro fim-de-semana de Setembro a seguir ao dia 8
- Festa Taurina das Festas da Nossa Senhora da Boa Viagem
- Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos em Alhos Vedros – No Domingo mais próximo do dia 2 de Agosto (dia oficial da comemoração de Nossa Senhora dos Anjos)
- Romaria a cavalo da Moita a Viana do Alentejo
- Festas Multiculturais em Honra de São João Batista no Vale da Amoreira
- Festas em Honra de São José Operário na Baixa da Banheira – Em Julho
- Festas em Honra de Nossa Senhora do Rosário em Gaio-Rosário – Na primeira quinzena de Agosto, dependendo do calendário das marés
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Graça em Sarilhos Pequenos – Na primeira quinzena de Agosto
- Automobilia Ibérica da Moita
- Feira de Projectos Educativos
- Feira de Maio e da Vaca Frísia – No último Domingo de Maio
- Feira das Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem – Na segunda semana de Setembro
- Mercado Mensal – No quarto Domingo de cada mês
- Mercado Semanal - Todas as Quintas-feiras
- Peças d'Arte – Feira de Antiguidades, Velharias e Artesanato
- FECCI- Feira Comercial e Industrial

- Abra a Bagageira
- Artes e Talentos – Feira de Artesanato
- Biofeira
- Nossa Senhora da Atalainha – Na última semana de Setembro, na Barra Cheia

Barreiro

- Festa a Nossa Senhora do Rosário (Festas do Barreiro) – No dia 15 de Agosto (Feriado Municipal) - procissão
- Comemorações Dia da Cidade
- Dia Nacional dos Moinhos
- Dia Internacional dos Museus
- Dia Mundial do Turismo
- Concurso de Gastronomia Ribeirinha
- Mostra de Doçaria
- Feira BARRIND – Terceira semana de Agosto
- Mercado de Coima – No terceiro Domingo de cada mês
- S. António da Charneca – No dia 13 de Junho
- Nossa Senhora dos Remédios – No último fim-de-semana de Setembro, em Coima

Almada

- Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso em Cacilhas – Procissão a 1 de Novembro
- Festa e Romaria em Honra de São João da Ramalha – de 23 (procissão) a 25 de Junho
- Festas em Honra de Nossa Senhora da Piedade – Romaria a 15 de Agosto, na Cova da Piedade
- Marchas Populares (Festejos de São João) em Cacilhas
- Concurso de Quadras Populares
- Marchas das Escolas e das Instituições de Infância

- Arraiais Populares em Almada e Cacilhas
- Festa na Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
- Festa no Solar – Saberes, Sabores e Memórias na Sobreda
- Festival de Almada
- Feira das Festas da Cidade – Em Junho
- Festival da Caldeirada na Costa de Caparica – Em Janeiro e Fevereiro

Alcochete

- Festas do Barrete Verde e das Salinas – No 2º fim-de-semana de Agosto
- Festa do Círio dos Marítimos de Alcochete ou Festa da Páscoa – No fim-de-semana da Páscoa
- Festas Populares de Samouco em Honra de Nossa Senhora do Carmo – Na terceira semana de Julho
- Festas em Honra de São João Batista – 24 de Julho
- Feira do Cavalo – Último fim-de-semana de Abril e os três dias anteriores
- Festa de Confraternização dos camponeses da Aldeia de S. Francisco – Na segunda semana de Junho
- Nossa Senhora da Vida – Durante as Festas do Barrete Verde e das Salinas – Na segunda semana de Agosto
- Festas dos Santos Populares e Marchas Populares – De 13 a 30 de Junho

Anexo VI – Roteiro Online

Guia de Festas da Região de Setúbal



Ilustração 1 - Página Inicial

Guia de Festas da Península de Setúbal

Sobre mim

Inicio

Festas por Região

Galeria de Imagens

Sobre mim

Bibliografia

Ana Carolina Macedo, 26 anos, licenciada em Turismo e aluna do Mestrado em Práticas Culturais para Municípios.

Propus-me a realizar um roteiro online, no âmbito do meu trabalho de projecto, que tem como tema: "Guia de Festas na Península de Setúbal".

Um dos objectivos principais foi a construção de um roteiro online, onde é possível consultar alguma informação, assim como, onde e quando se realizam as celebrações. Desta forma, é possível constatar a importância das festas para o desenvolvimento do local onde se inserem, como para o turismo, possibilitando aos turistas uma maior facilidade em consultar informação e despertar o interesse de uma visita às regiões da Península de Setúbal.

CONTATO

carolinamacedo103@gmail.com



| |
|----------|
| Nome |
| Email |
| Assunto |
| Mensagem |

Enviar

Ilustração 2 - Sobre mim

Guia de Festas da Península de Setúbal

Galeria de Imagens

- Início
- Festas por Região
- Galeria de Imagens
- Sobre mim
- Bibliografia



Ilustração 3 - Galeria de Imagens

Guia de Festas da Península de Setúbal

Alcochete

- Início
- Festas por Região
- Galeria de Imagens
- Sobre mim
- Bibliografia

- Círio dos Marítimos
- Festa do Barrete Verde e das Salinas

© 2017, por Ana Carolina Macedo

Ilustração 4 - Festas por Região

Guia de Festas da Península de Setúbal

Alcochete

- Início
- Festas por Região
- Galeria de Imagens
- Sobre mim
- Bibliografia

Cirio dos Marítimos

• Data e Local

Desde Sábado de Aleluia até terça-feira a seguir ao domingo de Páscoa. Realiza-se em Alcochete e Atalaia.

• Duração

4 dias

• Homenagem/Culto

Culto Mariano

• História

O Cirio dos Marítimos é um dos seis círios que festejam a Nossa Senhora da Atalaia no seu Santuário e na área envolvente, pela romaria anual.

Segundo a lenda, que está na origem da fundação da Confraria dos Barqueiros de Alcochete, em época remota, um barco que navegava no Rio Tejo foi surpreendido por uma tempestade. Em desespero, um dos barqueiros prometeu a Nossa Senhora da Atalaia que, caso se salvasse com os companheiros, organizaria uma confraria para festejá-la anualmente. O tempo amainou e conseguiram alcançar terra a salvo. Desde então, os Marítimos de Alcochete têm cumprido a promessa. [1]

Pela escritura de demarcação dos termos de Aldeia Galega e de Alcochete realizada em 1539, ficamos a saber que, então, havia um Cirio de Marítimos Solteiros e outro de Casados. Durante as festividades, celebrava-se a missa. No começo do século XVIII, o Cirio dos Marítimos passou para a Atalaia e depois a todos os pontos da Costa Azul, e dos Casados passaram ao Cirio dos

Ilustração 5 - Exemplo de festa

Guia de Festas da Península de Setúbal

Bibliografia

- Início
- Festas por Região
- Galeria de Imagens
- Sobre mim
- Bibliografia

- BARROS, Jorge; COSTA, Soledade Martinho. *Festas e Tradições Portuguesas*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2002. 8 vols
- CUNHÁ, Licínio. *Introdução ao Turismo*. Lisboa, Verbo, 2009
- DIAS, Mário Baseiro. *Cirio dos Marítimos de Alcochete*. Alcochete, Câmara Municipal de Alcochete, 2002
- DUARTE, Ana; PEREIRA, Fernando A. B.; GONÇALVES, Luís J. *Festas, Feiras e Romarias - Percursos na Costa Azul*. Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul, 1997
- LAMDEIRO, José Manuel. *No rolar dos anos (As Festas de S. Pedro dos Pescadores de Aldeia Galega - Montijo)*. Montijo, Direcção do Orfanato de Montijo, 1952.
- MARQUES, Luís. *Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado - Os círios do santuário da Atalaia*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2006.
- MOUTON, Rafael. *A Festa das Chegas - os painéis de Nuno Gonçalves e outros temas*. Câmara Municipal de Sevilhoba, 2002
- PINHO, Jaime; SILVA, Carlos de; GONÇALVES, Fernando. *Entre Linces e Camarinhas - as Festas da Arrábida e de Tróia*. Setúbal, Flamingo Rosa, 1992
- SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um Povo - as romarias portuguesas*. Lisboa, Dom Quixote, 1992
- Lendas e outras tradições de Almada. Câmara Municipal de Almada, 2007
- Guia das mais famosas Festas e Romarias de Portugal - Uma Viagem Completa às nossas Tradições. Atlântico Press, 2012
- Retrato em Movimento do Concelho da Moita. Câmara Municipal da Moita, 2004.

Sítios da Internet

- Câmaras municipais

- <http://www.festasavindimas.pt/historia/> consultado em Agosto de 2017
- http://www.cm-barreiro.pt/frontoffice/pages/292?news_id=882 consultado em Agosto de 2017
- http://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=5418 consultado em Agosto de 2017
- http://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=5418 consultado em Agosto de 2017
- <http://www.festasavindimas.pt/historia/> consultado em Agosto de 2017
- <http://www.cm-sousel.pt/patrimoniocultural/matriz> consultado em Agosto de 2017

- Outros

- <http://www.angrafesetubal.com/atividades/128-festas-populares-de-amora-encerram-com-espectaculo-pirotecnico> consultado em Agosto de 2017
- <http://www.diocesissetubal.pt/site/index.php?name=leiva&file=articulo&id=1171> consultado em Agosto de 2017
- http://www.cm-palmela.pt/frontoffice/pages/1717?news_id=5418 consultado em Agosto de 2017

Ilustração 6 - Bibliografia

Anexo VII – Calendário de festas na Península de Setúbal

| | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ |
|------------------|-----|-----|-----|---------------------------|---|--|---|---|--|-----|---|-----|
| Alcochete | | | | Círio dos Marítimos | | | | Festa do Barrete Verde e das Salinas | | | | |
| Almada | | | | | | Festa e Romaria em Honra de S. João da Ramalha | | | | | Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso | |
| Barreiro | | | | | | | | Festa a Nossa Senhora do Rosário | | | | |
| Moita | | | | | | | | Festa em Honra de Nossa Senhora dos Anjos de Alhos Vedros | Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem | | | |
| Montijo | | | | | | Festas Populares de S. Pedro Festa ao Srº dos Aflitos | | Romaria de Nossa Srª da Atalaia Festa de Nossa Senhora da Oliveira | | | | |
| Palmela | | | | | | | | Festa da Escudeira | Festa das Vindimas | | | |
| Seixal | | | | | | Festas em Honra de S. Pedro | | Festa de Nossa Senhora da Anunciada do Monte Sião | | | Festa de Nossa Senhora da Soledade na Arrentela | |
| Sesimbra | | | | | Festa em Honra do Senhor Jesus das Chagas | | | | Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo | | | |
| Setúbal | | | | Festa de S. Luís da Serra | Festa do Senhor Jesus do Bonfim | | Festa em Honra de Nossa Senhora da Arrábida | Festa em Honra de Nossa Senhora do Rosário | | | | |